

Mestrado em Ensino da História e Geografia do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

O cinema no ensino da História e Geografia

Francisco Diogo Mota Soares Pereira

Porto
2016



Francisco Diogo Mota Soares Pereira

O cinema no ensino da História e Geografia

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do
Ensino Básico e Ensino Secundário,
orientado pelo Professor Doutor Luís Alves
coorientado pela Professora Doutora Cármen Ferreira
Orientadoras de Estágio, Dra Deolinda Dias e Dra Sandra Nunes
Supervisores de Estágio, Doutor Luís Alves e Doutora Cármen Ferreira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

O cinema no ensino da História e Geografia

Francisco Diogo Mota Soares Pereira

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do

Ensino Básico e Ensino Secundário

orientada pelo Professor Doutor Luís Alves

coorientada pela Professora Doutora Cármen Ferreira

Orientadoras de Estágio, Dra Deolinda Dias e Dra Sandra Nunes

Supervisores de Estágio, Doutor Luís Alves e Doutora Cármen Ferreira

Membros do Júri

Professor Doutor Pedro Alves

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Cláudia Ribeiro

Faculdade de Letras- Universidade do Porto

Professora Doutora Cármen Ferreira

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

À minha mãe, a quem devo tudo.

Índice

Agradecimentos	10
Resumo	11
Abstract.....	12
Introdução	13
Capítulo 1 – O Cinema no processo ensino-aprendizagem.....	16
1.1. História e Cinema.....	20
1.1.1. Da relação epistemológica à utilização didática do filme.....	22
1.1.2. O filme <i>Good Bye Lenin</i> no ensino da História	30
1.2. O documentário e a Geografia.....	34
1.2.1. O documentário <i>Portugal: um Retrato ambiental</i> no processo de ensino-aprendizagem em Geografia.....	41
1.3. Plano Nacional de Cinema	44
Capítulo 2. – Estudo de caso: objetivos, contexto, e estratégias didáticas.....	47
2.1. Objetivos da investigação	48
2.2. Amostra: contexto e grupo alvo.....	49
2.2.1. A Escola Secundária João Gonçalves Zarco.....	49
2.2.2. As turmas.....	52
2.3. Estratégia didática: etapas, técnicas e instrumento de recolha de dados	54
2.3.1. Diagnóstico de sensibilização	54
2.3.2. Questionário de rentabilização dos filmes analisados em sala de aula	57
2.3.3. Visualização.....	64
Capítulo 3. – Análise e interpretação dos resultados	66
3.1. Em História	66
3.2. Em Geografia.....	78
Considerações finais	87
Referências bibliográficas.....	91
Anexos	95
Anexo 1 – Planos de aula de História (Diagnóstico de Sensibilização).....	96
Anexo 2 – Planos de aula de Geografia (Diagnóstico de Sensibilização).....	103
Anexo 3 – Questionário de rentabilização do filme <i>Good Bye Lenin</i>	110

Anexo 4 – Questionário de rentabilização do documentário <i>Portugal, um retrato ambiental</i>	112
Anexo 5 – Plano de Aula de História.....	114
Anexo 6 – Plano de Aula de Geografia.....	116
Anexo 7 – Guião para a elaboração de cartazes.....	119
Anexo 8 – Cartazes elaborados pelas turmas 9ºA, 9ºB e 9ºC para o evento “Cenas da Zarco”	122

Lista de figuras

Figura 1 Etapas do procedimento (Quvy & Campenhoudt, 1995: 27)	47
Figura 2 Questionário de rentabilização do filme Good Bye Lenin.....	62
Figura 3 Questionário de rentabilização do documentário Portugal, um retrato ambiental ..	63

Lista de gráficos

Gráfico 1 Respostas à questão 4 (História)	77
Gráfico 2 Respostas à questão 3 (Geografia).....	81
Gráfico 3 Domínio do vocabulário geográfico.....	85

Lista de Quadros

Quadro 1 Critérios para a seleção dos filmes e documentários a trabalhar em sala de aula (adaptado de Breu, 2010: 61)	39
Quadro 2 Proposta de método de análise de um documentário de Ramon Breu (2010: 61-70)	41
Quadro 3 Número de professores e alunos envolvidos nas atividades do PNC.....	46

Agradecimentos

O meu profundo agradecimento a todos aqueles que, de alguma forma, tornaram possível a realização deste trabalho.

Ao Professor Doutor Luís Alves pela disponibilidade constante, pela serenidade e sabedoria com que orientou toda a elaboração deste relatório. À Professora Doutora Cármen Ferreira pelo apoio e dedicação enquanto coorientadora e pela motivação constante e incentivo enquanto supervisora de estágio.

À minha mãe e irmãos, que todos os dias acreditam em mim e me apoiam de forma incondicional em todos os momentos da minha vida. A eles devo tudo o que sou e tudo o que consegui.

À Joana, pela compreensão, pelo companheirismo, pela amizade e por significar tanto para mim.

À tia Marina, pela generosidade e dedicação constantes.

Aos meus amigos, pela amizade, pelo incentivo e pelas palavras de apoio.

Aos meus colegas de núcleo de Estágio, Joel Aguiar e Olinda Ribeiro, pela partilha de ideais, pelas palavras de incentivo, pela amizade e companheirismo demonstrado ao longo deste ano.

Às minhas supervisoras de Estágio, Professora Deolinda Dias e Professora Sandra Nunes, pela dedicação mostrada, pelo acompanhamento incansável, pela mestria com que me ensinaram a ser professor.

A todos os alunos da ESJGZ que generosamente me acolheram e permitiram aprender o verdadeiro significado de ser professor. Sem eles nada disto seria possível.

Deixo ainda o profundo agradecimento a todos os meus professores, pelos ensinamentos, pela dedicação e pela inspiração.

A todos, muito obrigado!

Resumo

O cinema, enquanto expressão artística que constrói a realidade, constitui um apoio didático fundamental, capaz de promover aprendizagens significativas e desenvolver competências complexas nos alunos. Cada vez mais os filmes se afirmam como recursos didáticos imprescindíveis e capazes de motivar os discentes a assumir uma posição ativa na construção do seu próprio conhecimento.

O estudo apresentado foi promovido na Escola Secundária João Gonçalves Zarco, no âmbito da Iniciação à Prática Profissional do Mestrado em ensino de História e Geografia, em duas turmas de 9º ano e uma de 11º. De forma sintética, pretendeu-se averiguar a pertinência da utilização do filme enquanto recurso didático nas disciplinas de história e geografia. Para tal, foi selecionado o filme *Good Bye Lenin* e o documentário *Portugal, Um retrato ambiental*, para serem analisados junto das turmas de História e Geografia, respetivamente. As obras cinematográficas escolhidas abordam os conteúdos programáticos das disciplinas, e possibilitam o desenvolvimento de competências históricas e geográficas.

Os resultados obtidos reforçam a ideia de que o cinema, quando utilizado em contexto de sala de aula, pode promover o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a consolidação de conhecimentos e motivando os discentes para procura de novos saberes.

Palavras-chave: Didática, Cinema, História, Geografia.

Abstract

The movies, as an artistic expression that builds the real world, represents a fundamental educational support able to promote and developing complex skills on the students. More and more films state themselves as an imperative teaching resource able to motivate students to take an active role in the construction of their own knowledge.

The study presented at Escola Secundária João Gonçalves Zarco, as part of Teaching of History and Geography Master's Degree, in 9ºA 9ºB and 11ºA classes. The main goal was to find out the relevance of using movies as a way to teach History and Geography. To do so, the film *Good Bye Lenin* and the documentary *Portugal, Um Retrato Ambiental* has been selected to be analysed respectively among History and Geography classes. These cinematographic works are accordingly to the programmatic contents of the subjects and makes it possible to develop historical and geographical competences.

The outcome reinforces the idea that movies used in a classroom facilitate learning and encourage the pupils to seek new knowledge.

Keywords: Didactic, Cinema; History, Geography.

Introdução

A Escola apresenta-se, cada vez mais, como um espaço permeável às novas tendências, visando o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem, na perspetiva de formar cidadãos conscientes e aptos a participarem ativamente na vida social. É neste sentido que as pedagogias contemporâneas têm sido desenvolvidas, por forma a substituir o ensino monodisciplinar por uma escola verdadeiramente plural e centrada no aluno, independentemente dos conteúdos programáticos em questão.

Este processo de complexificação apresenta novos desafios à atividade docente, que se pretende mais reflexiva e centrada nas potencialidades e necessidades dos alunos. Cabe ao professor não fechar os olhos à realidade dos seus discentes, por forma a rentabilizar esforços e promover aprendizagens sólidas, tendo por base aquilo que lhes é familiar. Domingos Fernandes¹ (2009) ao refletir sobre o papel da Escola na educação dos alunos entende que é neste contexto que *“grande maioria das crianças e dos jovens aprendem uma diversidade de conhecimentos e competências que dificilmente poderão aprender noutros contextos”*. Neste sentido, coloca a tónica sobre a importância de promover aprendizagens verdadeiramente significativas, destacando o papel docente no correto funcionamento de todo o processo.

Por tudo isto, não fará sentido fechar a escola sobre os seus muros, ignorando a realidade do mundo exterior, uma vez que isso significa, portanto, desprover esta instituição do seu principal objetivo, formar jovens aptos e conscientes preparados para os desafios colocados em sociedade.

Tendo plena consciência desta realidade, parece-nos, portanto, premente, refletir sobre a influência que os meios audiovisuais têm vindo a ganhar junto das camadas mais jovens, bem como a forma como a imagem – particularmente a imagem em movimento – tem adquirido um lugar de destaque no plano educativo. Em sintonia com esta realidade, o trabalho de seguida apresentado centra-se, essencialmente, na relação didática passível de ser estabelecida entre o Cinema e as áreas disciplinares de História e Geografia, tendo

¹ Professor catedrático no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Tem dedicado o seu trabalho enquanto Investigador ao ramo das Políticas de Educação e Formação.

como principal objetivo, perceber a natureza deste “casamento”, bem como as potencialidades da utilização do filme em contexto de sala de aula, como estratégia reflexiva e promotora de aprendizagens significativas.

Efetivamente, *“um filme bem escolhido permite ilustrar de maneira rápida épocas passadas, situações históricas e sociais, conceitos filosóficos e morais e ambientes literários ou estéticos que são difíceis de concretizar de outra forma”* (Vall & Fuentes, 2012). Conscientes que, em muitos casos, “uma imagem vale mais que mil palavras”, entendemos ser fundamental que o processo ensino-aprendizagem procure criar condições para que essas imagens possam ser potencializadas e analisadas por parte do aluno, sem que este se deixe iludir por uma impressão de realidade, estando, desta forma a munir-se de uma atitude fundamental para enfrentar a complexidade do mundo.

A investigação em torno da relação didática estabelecida entre o Cinema e as áreas disciplinares de História e Geografia têm-se vindo a materializar em inúmeros trabalhos que apontam caminhos no sentido de se rentabilizar esta comunhão. Ainda assim, pareceu importante trabalhar esta questão na Escola Secundária João Gonçalves Zarco, visto ser uma instituição escolar que se orgulha de apostar no caminho da inovação tendo como horizonte a excelência. Por sua vez, este estabelecimento de ensino encontra-se integrado no Plano Nacional de Cinema que *“está previsto como um programa de literacia para o cinema e de divulgação de obras cinematográficas nacionais junto do público escolar, garantindo instrumentos essenciais e leitura e interpretação de obras cinematográficas junto dos alunos das escolas abrangidas pelo programa”*. (DGE)

Em grande medida, o objetivo deste relatório profissional passa por perceber se a adoção do Cinema, enquanto recurso didático a utilizar nas aulas de História e Geografia, se traduz em bons resultados na prática. Ou seja, se beneficia o desenvolvimento intelectual dos discentes, se constitui um elemento motivacional na procura por novos saberes e se poderá constituir um momento de reflexão e amadurecimento dos conhecimentos já adquiridos. Tudo isto relativamente ao contexto em que o trabalho foi desenvolvido.

O presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos que, de formas distintas, procuram perceber o papel do Cinema no contexto educativo, bem como lançar

algumas questões resultantes do estudo elaborado numa realidade muito concreta. O primeiro capítulo, que tenta abordar do ponto de vista teórico a temática abordada, encontra-se dividido em 3 partes. O primeiro ponto procura, grosso modo, através de uma revisão da literatura dedicada ao assunto, perceber o espaço do Cinema dentro da Didática. Os dois pontos que se seguem pretendem problematizar o papel do cinema na História e no ensino da mesma, por um lado, e a função do documentário nas aulas de geografia.

O segundo capítulo servirá para contextualizar o estudo de caso desenvolvido. Aqui, serão definidos quais os objetivos do estudo realizado, será apresentado o contexto em que se insere, bem como o grupo com que se promoveu a investigação. Também se refletirá sobre a metodologia e as técnicas utilizadas ao longo de todo o processo.

No terceiro capítulo surgem apresentados os resultados obtidos da análise dos questionários entregues aos alunos. Por sua vez, também será apresentada a análise resultante do tratamento das informações recolhidas. A lógica de apresentação dos resultados será a mesma da aplicação das estratégias, ou seja, primeiro são apresentados e analisados os dados recolhidos junto das turmas de História – 9ºA e 9ºB –, seguidos dos dados referentes à turma de Geografia – 11ºA².

Em jeito de remate, o último capítulo é dedicado às considerações finais, onde surgem plasmadas as principais ilações retiradas de todo o processo investigativo. Pretende-se ainda fazer uma análise prospetiva, no sentido de apontar possíveis caminhos para investigações futuras que se dediquem ao estudo da importância do Cinema enquanto ferramenta ao dispor do processo ensino-aprendizagem.

² A designação das turmas é fictícia para garantir o anonimato dos alunos envolvidos

Capítulo 1 – O Cinema no processo ensino-aprendizagem

A utilização didática do Cinema em contexto educativo não constitui uma novidade. Thomas Edison já havia afirmado que o *“filme está destinado a revolucionar o nosso sistema educativo e que no espaço de alguns anos irá suplantará grandemente, se não totalmente, o uso dos livros”* (citado em Reigada, 2013: 19). Tiago Reigada recupera essa questão, afirmando que a utilização do filme em sala de aula constitui uma *“forma hábil de conciliar o interesse dos alunos com a divulgação de conteúdos pedagógicos, através de um meio de comunicação diferente do habitual”* (2013: 17), e que se tem vindo a impor na sociedade contemporânea.

Indo ao encontro desta ideia, podemos iniciar este capítulo, que pretende perceber o espaço do Cinema dentro da Didática, colocando uma questão à qual não pretendemos responder, mas sim assumir como horizonte para este trabalho que apresentamos. Afinal, o que significa ensinar com o cinema?

Muitas são as possibilidades de resposta a esta questão, Cláudia Ribeiro e Luís Alves (2014: 167) sobre isto afirmam que *“ensinar a partir do cinema significa, portanto, desafiar o olhar do sujeito, estimular as suas percepções com a imagem em movimento; acordar o seu olhar analítico, na medida em que ele perceba que o que vê é uma construção – entre muitas possíveis – de uma dada realidade social, desenhada por alguém comprometido com um mundo de valores e que traça sempre um cenário subjetivo”*.

O cinema pode promover a constante provocação do aluno na procura pelo conhecimento, enriquecendo, desta forma o processo de ensino-aprendizagem. A utilização da 7ª Arte em contexto de sala de aula não promove apenas a aquisição de novos conhecimentos, afirma-se mais complexa e eficaz, na medida em que contribui para a formação de jovens conscientes e críticos, capazes de enfrentar o mundo. Com a utilização do cinema, o docente está a promover o desenvolvimento de uma postura crítica e de questionamento constante junto dos seus discentes.

Já todos fomos confrontados com o lugar-comum - *“Uma imagem vale mais que*

mil palavras”. Ainda que não queiramos, de modo algum, afirmar a superioridade da mensagem visual sobre a mensagem escrita, não podemos negar o valor que a imagem tem adquirido nos últimos anos. Cada vez mais, os jovens, de forma particular, se afirmam como produtores e consumidores neste mercado visual que se estende a toda a sociedade. Contudo, esse fácil acesso à imagem – estática ou em movimento – não é sinónimo do conhecimento do valor da mesma. É inegável que vivemos num mundo que promove a cultura da imagem, ainda assim, não parece que seja tão certo que esse mesmo mundo, na generalidade, esteja capacitado das competências essenciais por forma a perceber o seu verdadeiro valor, bem como os possíveis perigos a ela associados.

Essas competências podem e devem ser espreitadas em contexto escolar. Por forma a capacitar os discentes para analisar criticamente a informação com que são confrontados diariamente, por um lado, e na tentativa de criar, nos alunos, uma expectativa positiva face ao próprio processo de ensino-aprendizagem, uma vez que é introduzido um elemento que lhes é próximo numa realidade que, em determinados casos, demonstra alguma resistência.

O contacto com uma narrativa sedutora exige a adoção de uma atitude crítica e de questionamento constante, por forma a não haver ilusões com a impressão de realidade, veiculada, em muitos casos, pelo cinema.

Cabe ao docente, medir os riscos e aproveitar as valências deste recurso por forma a potenciá-lo ao máximo, no sentido de traduzir a sua aplicação na obtenção de aprendizagens significativas, ao mesmo tempo que permite aos discentes a adoção de uma atitude crítica, aspeto fundamental para uma análise cuidada e rigorosa de documentos desta natureza.

Esta postura, exigida aos intervenientes diretos do processo ensino-aprendizagem, não esvazia as estratégias desenvolvidas em torno do cinema da sua função motivacional e lúdica. Sobre este aspeto Luís Alves (2014: 227) entende que “*o simples passatempo se pode transformar num verdadeiro espaço de aprendizagem*”, ainda que para tal, o professor deva assumir uma postura reflexiva e consciente, por forma a tirar proveito dessas estratégias. Em sintonia com esta perspetiva, Marcos Napolitano entende que “*a*

peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e (não nos esqueçamos) constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada” (Napolitano, 2003: 14), que quando aplicado ao contexto educativo pode-se saldar em resultados muito positivos.

Ainda que um dos objetivos principais de todo o processo seja o enriquecimento intelectual dos alunos, o professor não se pode libertar da sua função enquanto formador de indivíduos conscientes e aptos a intervir perante o mundo que se apresenta cada vez mais complexo. Neste sentido, entendemos que a aplicação didática do cinema cumpre esses objetivos, na medida em que procura munir os jovens das competências essenciais para analisar a imagem – neste caso a imagem em movimento – que assume um papel de destaque na sociedade em que nos inserimos.

Relativamente à aplicação didática do cinema, Enrique Martinez-Salanova Sanchez (2003: 47) entende que *“utilizar el cine no es un juego solamente ni un mero entretenimiento, ya que el cine se ha infiltrado, sobre todo a través de la television, en nuestra forma de vivir, yo no nos podemos permitir el lujo de dejar de utilizarlo en las aulas”*. Segundo este autor, cabe ao docente aproveitar na totalidade as potencialidades do cinema, visto ser uma realidade presente no universo dos alunos. Como tal, a utilização de filmes em contexto de sala de aula não deve servir apenas como momento de entretenimento, deve estar inserido dentro de uma estratégia norteada por objetivos bem definidos visando sempre o crescimento intelectual do discente. Quando bem utilizado, o cinema pode servir como um *“autentico contador de historias, como transmisor de valores y como portador de arte y conocimientos”*. (Sanchez, 2003: 46)

Sempre que bem aplicadas, as estratégias desenvolvidas em torno do cinema podem-se mostrar fortuitas ao nível do desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, expressão e ainda ao nível cognitivo (Sanchez, 2003: 49-50). Para que se consiga um desenvolvimento significativo ao nível destas quatro dimensões, o mesmo autor afirma a necessidade de se contemplar, entre outras questões, o nível de escolaridade bem como as aspirações do grupo alvo. De resto, toda a atividade docente deve tomar em consideração as características dos alunos a quem se destinam as estratégias, caso contrário o processo corre o risco de não cumprir os objetivos a que se propõe.

Se é fundamental conhecer o grupo para o qual e com o qual vamos desenvolver a experiência de aprendizagem, é também essencial conhecer, na íntegra, o recurso que vamos utilizar por forma potenciá-lo o mais possível. Partindo da premissa que “*não existe uma realização objetiva*” e que “*filmar de uma determinada forma ou escolher uma cena em vez de outra é oferecer uma visão, um ponto de vista*” (Carion, citado em Reigada, 2014: 181), é essencial investir numa pesquisa prévia do filme selecionado, por forma a perceber o contexto em que se insere essa mesma obra, visto ser influenciada pelo mesmo. O mesmo se diga em relação ao realizador e à interpretação dos atores, uma vez que são indivíduos que não podem ser apartados do ambiente em que se encontram, questão que irremediavelmente influencia a sua prestação.

Tudo isto deve ser considerado quando se aposta na utilização didática do cinema, seja qual for a área disciplinar em que uma estratégia desta natureza se desenvolva. Como temos vindo a referir, se bem refletida a relação estabelecida entre o cinema e a didática podem resultar em situações educativas bastante enriquecedoras e significativas para os discentes.

Indo ao encontro desta ideia e como reflete Tiago dos Santos Reigada, em tese dedicada a esta questão, a oportunidade de conjugar estas duas áreas – Didática e Cinema – não se traduz apenas numa mais-valia para a formação dos jovens. Tendo por base uma reflexão em torno de trabalhos dedicados ao estudo do carácter motivacional do filme, o mesmo autor entende que este é particularmente motivador tanto para alunos, como para o próprio professor, o que acaba por se plasmar no processo de ensino-aprendizagem.

Por sua vez, quando tentamos perceber a posição assumida pelos filmes no grupo dos recursos didáticos de que dispõe o docente na sua prática, conseguimos perceber que, cada vez mais, o filme se afirma como uma estratégia capaz de promover o relacionamento entre os conteúdos abordados – nomeadamente no campo da história e do filme histórico – e as experiências do aluno. O poder da imagem em movimento possibilita que o discente tenha uma maior empatia – questão fundamental – com as temáticas abordadas. Tudo isto, conjugado com o grau de expressividade do filme, torna o cinema a fonte de recursos mais apetecível a utilizar em contexto de sala de aula. (Reigada, 2013: 65) O mesmo se poderá dizer relativamente a outras ferramentas digitais

que se assumem como fundamentais na construção e regulação de aprendizagens significativas.

Sérgio Niza, numa reflexão em torno da importância do cinema no processo de formação de crianças, afirma que *“o cinema é um facto social e como tal matéria de educação”*. Dando continuidade a esta ideia, Niza alerta para a necessidade de nos educarmos *“com tudo e em tudo ou então iludiremos as nossas relações autênticas da condição de existir em sociedade.”* Em linha de conta com tudo isto, o mesmo autor afirma que o cinema se constitui, enquanto meio de comunicação, como *“uma mais enriquecedora aprendizagem da vida social, um conhecimento mais vasto dum mundo que ultrapassa os seus limites de relação-conhecimento de outros espaços e de outros homens e das suas formas de existir e de ser”* (Niza, 2012: 45)

1.1. História e Cinema

As linhas que de seguida dedico ao estudo da relação entre Cinema e História são, provavelmente, aquelas que me são mais queridas de todo este trabalho. Por um lado, por ser um apaixonado por esta ciência que tem como horizonte a procura incessante por perceber o que é o Homem na realidade e qual o seu legado ao longo dos tempos e espaços que habitou, e por outro, por ser um verdadeiro consumidor e apreciador da emoção estética que o Cinema proporciona, ainda que não seja um sabedor competente desta que assume o 7º lugar entre as artes.

Conjugar estas duas dimensões – História e Cinema – foi das experiências mais gratificantes que tive ao longo deste ano. Possibilitou-me conciliar trabalho com momentos de puro gozo, o que acho ter transmitido para aqueles com quem e por quem trabalhei. Por outro lado, possibilitou-me perceber a natureza da relação, já antiga, entre o Cinema e a História, não só enquanto área disciplinar, mas também enquanto a ciência que estuda a vida dos homens no tempo.

Sobre esta relação já consolidada, Marcos Napolitano refere que *“nunca é de mais*

reiterar as três possibilidades básicas da relação entre história e cinema: o cinema na História; a história no cinema e a História do cinema.” (citado por Ribeiro & Alves, 2014: 149)

Com a primeira destas possibilidades, os autores pretendem refletir sobre o papel do cinema enquanto fonte primária para o labor dos historiadores. A segunda ligação estabelecida ressalva o papel do cinema enquanto construtor de uma narrativa histórica, ou se quisermos, a História enquanto fonte de inspiração para a realização de obras cinematográficas. A última hipótese de ligação refere-se à história do cinema, no que toca ao *“estudo dos avanços técnicos da linguagem cinematográfica e condições sociais de produção e receção de filmes”* (Napolitano, citado em Ribeiro & Alves, 2014: 149)

Efetivamente é possível partir destas possibilidades de forma a perceber como se consolidou a relação entre estas duas áreas, como faremos mais adiante. Contudo, parece-me interessante deixar aqui outro contributo. Ao longo da licenciatura em História, foi-me possível tomar contacto com fontes das mais diversas tipologias, na perspetiva de perceber a complexidade envolta em todo o trabalho desenvolvido pelos historiadores. Numa unidade curricular dedicada a esta temática - Teoria e Tipologia das Fontes em História³ – o docente alertou-nos para a possibilidade de relacionar o Cinema com a História em quatro níveis:

1. Como fonte, quando um filme nos dá, de algum modo, um testemunho sobre a sua época.
2. Como exercício inspirador para melhorarmos os nossos recursos para escrever e narrar a História.
3. Como indutor de intuições.
4. Eventualmente, para enriquecer a reflexão epistemológica sobre o fazer história.

Para além destes, outros exemplos existem sobre as dimensões em que estas duas

³ Disciplina integrante do plano curricular da Licenciatura em História, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

áreas se tocam e se complementam, tanto do ponto de vista epistemológico como na perspectiva pedagógica. Contudo, por forma a percebermos a natureza desta relação, convém não esquecer que a História, enquanto ciência, tardou em reconhecer o cinema como fonte legítima para o labor historiográfico, o que atrasou a formulação teórica do que Jorge Nóvoa (1995) chama de binómio cinema-história.

1.1.1. Da relação epistemológica à utilização didática do filme.

Após a projeção dos irmãos Lumière no Grand Café em Paris, no ano de 1895, o Cinema surge como a grande novidade tecnológica, resultado de um longo processo de captura e tratamento de imagem. Iniciou-se então o percurso do cinema enquanto manifestação artística associada aos circuitos de feiras, o que lhe possibilitou, com o passar do tempo, chegar a públicos cada vez mais vastos (Reigada, 2013: 32)

O cinema começa a impor-se progressivamente na área do entretenimento afirmando-se *“como um meio de comunicação que satisfazia as necessidades de educação, diversão e distração de um modo praticamente inofensivo”* (Idem: 33). Contudo, como refere Tiago dos Santos Reigada, rapidamente passa o efeito de novidade e as películas de curta duração perdem destaque para outras formas de entretenimento que já se encontravam enraizadas. A teatralidade dos filmes não convencia o público, pelo que foi necessário esperar pela revolução cinematográfica introduzida por David W. Griffith, que viria a inaugurar um novo estilo artístico. Este realizador conseguiu, pela primeira vez *“manipular o espaço e o tempo do ecrã”* e *“através de uma colocação de câmara inovadora, potenciou a carga dramática de cada cena, tornando-as mais emotivas e apelativas aos sentidos dos espetadores; as suas práticas cinematográficas revolucionaram o impacto dos filmes nas audiências até se tornarem a principal forma de arte do século XX”* (Idem: 35).

Tal como entende o autor acima citado, todo este processo permitiu que o surgimento do cinema se afirmasse como um marco histórico, devido ao progresso tecnológico a ele associado, ao mesmo tempo que se destaca entre as demais artes. É

tendo em conta esta dualidade que o cinema se aproxima da História, possibilitando, para além disto, a divulgação de conhecimentos históricos através das suas representações. Contudo, tardou o reconhecimento de que, do ponto de vista científico, o diálogo entre estas áreas se poderia traduzir num enriquecimento de ambas.

Seria necessário esperar pela década de sessenta do século XX e com ela a reformulação profunda no domínio das Ciências Sociais e Humanas, para o cinema passar a integrar o conjunto de fontes ao dispor dos historiadores. Até então, *“as fontes utilizadas pelo historiador consagrado formam um corpo que é tão cuidadosamente hierarquizado quanto a sociedade à qual ele destina a sua obra”* (Ferro, 1992: 88)

O movimento da Escola dos Annales, foi fundamental para a mudança de paradigma. A história positivista, centrada nos acontecimentos e suportada por documentos escritos, começa a dar lugar à Nova História, que se pretendia que *“refletisse a sociedade de uma forma globalizante”* (Reigada, 2013: 36), e por isso mesmo admitisse a importância de todas as formas de expressão do Homem, considerando como elementos preciosos a ter em conta na reconstrução da narrativa histórica.

Sobre esta questão Lucien Febvre, fundador da Revue des Annales, diz-nos o seguinte:

“A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, quando os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Não consistirá toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiador, num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, fazer com que digam o que por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram – e, finalmente, constituir entre elas essa vasta rede de solidariedade e de ajuda que supre a ausência do documento escrito” (Febvre, 1977: 249)

Com esta mudança estrutural no campo das ciências sociais e humanas, nomeadamente no que diz respeito ao labor historiográfico, o leque de fontes para estudar a história dos homens alargou-se, visando cobrir tudo aquilo que é entendido como sendo produção humana, desde um documento escrito até uma obra cinematográfica.

Esta mudança de postura beneficiou, de forma notória, o aprofundamento da relação entre Cinema e História. Sobre esta relação, Jorge Nóvoa (1995: 1) refere que a *“História enquanto processo produziu o Cinema que reproduz o processo real”*. Ainda que estejamos conscientes que o objetivo do Cinema não seja reproduzir de forma criteriosa a realidade, é impossível negar o seu papel como veículo difusor de conhecimento histórico, não só pelas temáticas abordadas, como pelo papel assumido pelos filmes enquanto espelho da sociedade que os criou.

O mesmo autor afirma ainda que *“nenhum documento se impôs tanto [à História], de tal modo a fazer jus a uma elaboração teórica, como ocorreu com o filme”*. (Nóvoa, 1995: 1) Ao ponto de parecer óbvia, nos dias que correm, a relação entre estas duas áreas, por vezes de forma até pouco rigorosa, nos meios que não o académico.

Recuperando a reflexão de Lucien Febvre, entendemos que, da mesma forma que a História não se faz somente de fontes escritas, também o ensino/aprendizagem desta disciplina não deverá recorrer somente à análise desta tipologia de fontes por forma a desenvolver todo o processo de ensino-aprendizagem em história. Com isto, também não pretendemos passar a mensagem que a abordagem didática desta ciência deve ignorar por completo o papel dos documentos escritos. Entendemos apenas que o segredo para uma aprendizagem significativa passa pela utilização do bom senso na planificação das estratégias, o que se deve traduzir numa utilização de recursos e estratégias variadas, tendo como principal missão tornar todas as atividades próximas dos discentes. Nesse sentido, como temos vindo a referir, o cinema deverá ser tomado em consideração na implementação do ensino em História, uma vez que se tem manifestado um recurso eficaz no que toca à aquisição e consolidação de conhecimentos históricos, bem como no desenvolvimento das competências atribuídas a esta disciplina.

Utilizar o filme enquanto recurso didático consiste, segundo Jorge Nóvoa (1995: 7), em “*utilizar o extraordinário fascínio do cinema para despertar e desenvolver neles o gosto pela interpretação e pela polémica, componentes indispensáveis à formação tanto de quem quer pensar a história através da pesquisa, como para quem quer fazê-lo tão-somente como professor*”. O mesmo é dizer que o filme, quando integrado numa estratégia didática, pode exercer a função motivacional necessária para promover o gosto pelo conhecimento dos conteúdos abordados, questão fundamental, uma vez que a motivação dos discentes pode ser o segredo para o sucesso de uma qualquer dinâmica montada pelo docente.

Os alunos, tal como já tivemos a oportunidade de referir, encontram-se inseridos numa realidade que não estranha a imagem, muito pelo contrário, o que pode e deve, sempre que possível, ser tomado em conta pelos docentes na construção das estratégias didáticas. A História é comumente caracterizada por ser uma disciplina demasiado teórica, preconceito esse que tem formatado a perspetiva dos alunos sobre a disciplina e tem-se manifestado nos resultados obtidos. Nesse sentido, cabe ao docente alterar essa visão da disciplina, tornando-a mais próxima dos alunos e menos complexa. Muitas reflexões e estudos práticos têm vindo a demonstrar que o cinema cumpre plenamente essa função motivacional, uma vez que através da imagem e do som os alunos sentem-se mais próximos de realidades que, na maioria dos casos, lhes são completamente desconhecidas. O filme “*toma de assalto os indivíduos e suas razões, envolvendo-os na trama do real*” (Novoa, 1995: 7), o que potencia o seu maior envolvimento no estudo dos acontecimentos históricos, criando a necessidade de refletir sobre o passado.

A utilização didática do filme, segundo este autor, ajuda o combate à ideia de que a História é “*um corpo inerte, morto, como coleção de séries de nomes, datas e acontecimentos*”. Muitos são os autores que partilham desta ideia e que sublinham a necessidade de deixar claro que o ensino da História não ignora os avanços conseguidos ao nível das Tecnologias da Informação e Comunicação, integrando-os no processo de ensino-aprendizagem.

O Cinema imprime uma nova dinâmica nas aulas de história, mostrando, através da imagem e do som, que o passado ainda se reflete nos dias que correm e que é necessário

refletir sobre ele. Por sua vez, convém referir que a aplicação didática do cinema não se traduz em vantagens apenas no domínio motivacional, mostra-se mais versátil que isso.

Antes de mais, a integração do filme nas estratégias didáticas promove o desenvolvimento global do aluno, uma vez que lhe garante a aquisição de competências ao nível da análise e crítica de fontes, tal como já referimos. Ou seja, o filme assume a função de objeto mediático, daí a necessidade de adoção de uma postura crítica, e ainda o papel de documento didático nas aulas de história, garantindo o contacto com uma narrativa distinta da que os alunos estão habituados, pelo menos em contexto de sala de aula.

Sobre esta questão, Álvaro Garcia e Daniel Ruíz (2014: 112) entendem que o filme, quando utilizado como narrativa com finalidades didáticas “ayuda a pensar y sentir, consolida conocimientos e genera actitudes”, ao mesmo tempo que “despierta el sentido crítico, la creatividad y la capacidad de análisis e intervencione en la vida cotidiana”. Por outras palavras, a narrativa cinematográfica apresenta-se, por vezes, como uma forma de comunicação mais eficaz, na medida em que consegue ter um maior efeito no recetor da mensagem, que se deixa envolver na sedução da imagem e do som que se traduzem numa atualização do passado. Por sua vez, promove o espírito crítico e a criatividade, competências essenciais no campo da história. Os mesmos autores afirmam ainda que a narrativa fílmica pode ser uma boa ferramenta para a educação ao nível dos valores e atitudes, o que não deve ser menosprezado pelo docente no desenvolvimento de todo o processo.

Parece-nos inegável, como temos vindo a reforçar, que as vantagens da utilização didática do filme são já uma realidade no ensino da História, uma vez que “*el cine tiene una enorme proyección educativa, en la medida en que ayuda a cultivar el mundo interior mediante la asimilación de la cultura*” (González, citado em García & Ruíz, 2014). Contudo, essa aceitação nem sempre se traduz na correta utilização do filme em contexto de sala de aula, que deverá sempre ser refletida e norteadada por objetivos específicos e bem definidos, para que se processe o desenvolvimento dos discentes.

Ainda que não exista uma receita infalível sobre como utilizar o filme na aula de

história, existem aspetos que devem ser tomados em conta e que possibilitam uma boa potencialização deste recurso. Antes de mais, cabe ao docente perceber como o filme selecionado e o acontecimento histórico abordado se relacionam. Existem filmes que abordam um determinado acontecimento histórico numa época que difere, do ponto de vista temporal e da realidade vivida, daquele contexto que pretendem mostrar, o que poderá exigir um maior esforço de análise. Por sua vez, muitos filmes com pertinência para o estudo da história retratam a época em que foram realizados. Não é possível caracterizar o grau de rigor histórico tendo por base o distanciamento entre a obra e a realidade que ela pretende representar. Sabemos, de antemão, que qualquer filme reflete o período em que foi realizado, bem como a perspetiva do seu realizador, o que não constitui um entrave à utilização do cinema enquanto ferramenta de representação de acontecimentos históricos. Será necessário, contudo, estar alerta para tal situação, por forma a não confundir liberdade artística com representação descomprometida da realidade, o que deve ser tomado em consideração no momento da potencialização do recurso.

Isto não significa que o docente não poderá utilizar uma película por forma a representar determinados acontecimentos reais e históricos, substituindo a sua abordagem teórica pela análise de uma narrativa mais dinâmica e que assume a função de instrumento de divulgação histórica. Isto tanto é possível em obras cinematográficas de cariz ficcional como documental, sendo que cabe ao professor analisar o grau de ficção envolto na construção da narrativa do acontecimento/situação que se pretende estudar. A utilização da narrativa cinematográfica, que implica o contacto e o trabalho com imagens, *“facilita los procesos de construcción socio-cognitiva de los aprendizajes y hace que estos sean mucho más enriquecedores”* (García & Ruíz, 2014: 119), mesmo quando o filme é utilizado apenas para representar a realidade.

A utilidade do filme não se limita à motivação para o processo de ensino-aprendizagem, nem tão-somente como instrumento potenciador da aquisição de novos conhecimentos sobre factos históricos. Napolitano refere que o cinema é capaz de *“registar o passado e o contexto social”* ao mesmo tempo que possibilita *“criar uma memória histórica própria”*. Memória essa que se apresenta mais acessível e apetecível

aos jovens que demonstram resistência a outros recursos que implicam a leitura e análise de narrativas escritas. Os filmes eternizam acontecimentos históricos, ao mesmo tempo que possibilitam a democratização do seu conhecimento por parte do público em geral. Será, no entanto, papel do professor de história acautelar os discentes para os cuidados a ter na análise destas narrativas, por forma a contrariar a postura de recetores passivos e crentes inabaláveis da realidade cinematográfica.

Como foi já referido, a apropriação do filme enquanto instrumento didático poderá promover a aquisição de novas aprendizagens, bem como o desenvolvimento de competências históricas, sempre que surja integrado numa estratégia pedagógica. Cabe ao docente analisar o grupo a que se dirige, por forma a perceber se a utilização desta narrativa se apresenta ou não como a melhor forma de comunicação. Por sua vez, será necessário definir critérios para a seleção dos filmes a analisar. Muitos autores entendem que na base da seleção de determinada película deverá estar a riqueza informativa do recurso. Jorge Nóvoa (1995: 7) entende mesmo que “*o critério mais correto para a escolha das películas a serem utilizadas deve ser determinado pelo conteúdo das mesmas*”. Tendo em conta isto, devemos ter plena consciência do que é o conteúdo do filme. Será a temática abordada? Será o acontecimento retratado? Será a perspetiva transmitida?

Marc Ferro (1992: 89) entende que é necessário atentar a obra na sua totalidade, analisar, portanto no “*filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa*”. Não se poderá partir do princípio que os discentes estão sensíveis a todos estes pormenores, pelo que o docente deverá reforçar a necessidade de atentar nos aspetos visíveis e aqueles que não se apresentam de forma tão óbvia. Tal poderá e deverá ser trabalhado através de uma análise cuidada e apoiada e, sempre que possível, conjugada com a análise de recursos de outra natureza, por forma a clarificar o que é essencial e aquilo que serve apenas como “acessório”.

Muitos relatos práticos sobre a adoção pedagógica do cinema mostram que grande parte dos docentes tende a privilegiar a utilização de documentários em situação de sala

de aula. Isto porque acreditam que este género cinematográfico constitui uma fonte mais fidedigna da realidade. Recuperando aquilo que vimos anteriormente, toda a criação humana, seja ela artística ou de carácter científico, reflete as convicções pessoais do seu criador, ainda que isto seja de forma mais ou menos ponderada. No campo do cinema a questão não se apresenta de forma distinta. A título de exemplo, podemos referir a forma como *O triunfo da vontade*, de Leni Riefnstahl (1935), apresenta o ambiente vivido em torno do 6º Congresso do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Esta obra, que podemos caracterizar como sendo um documentário, está claramente ao serviço de uma ideologia política e são visíveis os seus objetivos propagandistas. Contudo isto não retira valor didático a este filme, muito pelo contrário, apenas exige uma maior concentração na sua análise, por forma a não permitir conclusões precipitadas.

Outro estilo cinematográfico que se afirma como um potencial recurso didático ao serviço do ensino da História é o filme histórico. Este afirma-se como fonte e perspectiva para o estudo da História (Ramos, citado em Napolitano: 245). Pierre Sorlin define filme histórico como sendo uma obra ficcional que se centra no passado com a perspectiva do presente, chama-o de “*espião da cultura histórica de um país, de seu património histórico*”. (citado em Napolitano:246) O mesmo autor, ao apontar uma definição para este género cinematográfico, problematiza a relação cinema-história, lançando o que entende serem as três possibilidades básicas deste relacionamento, patentes no filme histórico. Napolitano (2005: 246) recupera essa perspectiva e sintetiza as três possibilidades levantadas por Sorlin.

- “Relação presente/passado: o filme histórico ancora-se no presente (produção/distribuição/exibição) e no passado (datas/eventos/personagens que marcam o tema dos filmes);
- Filmes históricos são formas peculiares de “saber histórico de base”. Eles não criam esse saber, mas reproduzem e reforçam. O filme histórico está inserido numa cadeia de produção social de significados que envolve historiadores, críticos, cineastas e público;

- Problematização da “narração fílmica da história”: tensão entre ficção e história, ou seja, entre documentos não ficcionais e imaginação/encenação ficcional. Nesse sentido, a narrativa fílmica e a historiográfica estruturam-se como formas de narração literária, com a particularidade desta última buscar o efeito de realidade/verdade.”

Independentemente do género cinematográfico em questão, a utilização do filme no contexto do ensino-aprendizagem em história deve partir da premissa que o cinema é sempre uma construção e por isso mesmo uma manipulação da realidade. Mesmo o documentário – como poderemos ver mais à frente – *“sempre fez mais do que simplesmente refletir o mundo real, exceto talvez em seus primórdios, quando os irmãos Lumière e seu operador de câmara contratado apontam o cinematografo para cenas de rua em várias partes do mundo (mesmo assim é provável que a Câmere e/ou o operador tenham tido uma influencia considerável nas pessoas e coisas envolvidas no momento da filmagem)”* (Rosenstone, 2010: 110)

Tal facto não o esvazia da pertinência didática, merece, no entanto, um cuidado especial, tal como acontece na análise de outras narrativas históricas. Todo o filme deve surgir integrado de forma lógica linear na estrutura didática arquitetada em torno de um conteúdo, por forma a tirar proveito de todas as suas potencialidades. Neste sentido, será necessário refletir a utilização didática do cinema tendo em conta os conteúdos programáticos a abordar, bem como as competências que se pretendem trabalhar, sem esquecer as orientações curriculares.

1.1.2. O filme Good Bye Lenin no ensino da História

Até ao momento tivemos a oportunidade de refletir sobre a relação possível de ser estabelecida entre o Cinema e a História, tanto do ponto de vista epistemológico, como na perspetiva pedagógico-didática. Interessa, portanto, perceber qual a postura dos documentos normativos face a esta questão, bem como perceber como se relaciona o filme selecionado – *Good Bye Lenin* – com o programa curricular do 9º ano de

escolaridade.

É sobretudo ao nível das estratégias a desenvolver na disciplina de história que conseguimos identificar a relação entre cinema e didática. Sobre isto, o Programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico é claro quando aponta o caminho no sentido da diversificação das estratégias a serem desenvolvidas em situação de sala de aula, por forma a imprimir inovação no ensino da História. Não impõe, em momento algum, a adoção de estratégias específicas para a abordagem dos conteúdos programáticos, muito pelo contrário, o documento não compromete a liberdade da atividade docente. Essa flexibilidade possibilita ao docente gerir todo o processo da forma como entender mais proveitosa, o que permite a adoção do filme como recurso potenciador de aprendizagens. Por sua vez, o programa privilegia a visão construtivista do processo ensino-aprendizagem, alertando para a necessidade da construção de atividades que se assumam como significativas para os alunos, o que poderá beneficiar a introdução do filme no ensino da História.

Tiago Reigada elabora uma análise minuciosa do Programa Curricular, por forma a identificar qual a importância atribuída ao filme no contexto das propostas metodológicas apresentadas. A primeira conclusão a que chega é que as propostas metodológicas que envolvem o cinema aumentam progressivamente ao longo do 3º ciclo. O 9º ano de escolaridade conta com 7 propostas metodológicas em torno do cinema, constituindo 50% das propostas de análise de filmes. O autor afirma que tal facto está diretamente relacionado com a progressiva complexificação dos conteúdos, bem como os objetivos a eles associados. Este aumento progressivo está ainda relacionado com a organização dos conteúdos, que surgem apresentados de forma cronológica, o que explica que no 9º ano se destaque em relação a outros recursos. Retomando a ideia da complexificação dos métodos de abordagem, importa referir que no 9º ano de escolaridade é exigido aos alunos um pensamento mais reflexivo e é dado um maior relevo a aspetos de natureza cultural, o que exige um maior grau de abstração. Tudo isto são fatores que influenciam a proposta de metodologias e explicam o destaque gradual dado ao cinema. (Reigada, 2013: 86-99)

No cômputo geral, o filme surge em 5º lugar entre os recursos mais propostos para

o desenvolvimento de metodologias de abordagem. Ainda assim, segundo o autor anteriormente citado, as propostas apresentadas estão longe de possibilitarem o total aproveitamento didático do filme.

O projeto das Metas de aprendizagem surge em consonância com o Currículo Nacional do Ensino Básico no que toca às competências essenciais a serem desenvolvidas. No documento das Metas de aprendizagem são definidos 5 domínios - Compreensão temporal, Compreensão espacial, Compreensão contextualizada, Interpretação de Fontes, Comunicação em História – que se manifestam em 14 metas de aprendizagem. Das 6 propostas de aprendizagem, em nenhuma o filme surge como recurso a ser potencializado, contudo isto não implica que a utilização desse instrumento vá contra as orientações. Tal como acontece no Programa de História, também as metas salvaguardam o papel do docente enquanto construtor de todo o processo, possibilitando a integração do cinema como apoio à sua atividade. Para além disto, a utilização didática do filme possibilita desenvolver competências ao nível da interpretação de fontes, uma vez que possibilita o confronto com fontes de cariz variado, ao mesmo tempo que permite diversificar a comunicação, uma vez que coloca os discentes perante uma narrativa distinta da que estão habituados.

Foi tendo em conta todas estas questões que se optou por desenvolver uma estratégia didática em torno de um filme, junto das turmas de 9º ano. Nesse sentido, foi selecionado o filme *Good Bye Lenin*, de Wolfgang Becker (2003), por forma a abordar o subdomínio III. A – A Guerra Fria, na perspetiva de clarificar os seguintes descritores:

1.2. Distinguir os modelos políticos e económicos dos EUA e da URSS.

1.3. Relacionar o antagonismo entre as duas superpotências com a formação de dois blocos político-ideológicos, militares e económicos.

1.6. Caraterizar a Guerra Fria, salientando a existência de momentos de maior tensão e de momentos de relativo apaziguamento.

A visualização e análise deste filme teve como principal objetivo consolidar conteúdos abordados anteriormente, bem como abordar questões que não haviam sido focadas nas aulas anteriores, por forma a perceber a nova «ordem mundial» no período

do após guerra. Pretendia-se ainda motivar os discentes para o estudo desta temática, nas aulas que se seguiram, ao mesmo tempo que foram instruídos sobre a postura a assumir perante uma fonte desta natureza.

Entendeu-se que o filme *Good Bye Lenin* se adequava aos objetivos definidos, uma vez que abordava as temáticas que se pretendia, ao mesmo tempo que fornece uma perspetiva interessante do problema em questão. Este filme consegue conjugar a vertente ficcional, nomeadamente no que diz respeito à história das personagens principais, com factos reais que assumem o papel de contexto e pano de fundo a toda a trama.

A trama decorre na República Democrática Alemã (RDA), por altura da comemoração dos 40 anos da sua existência. Assumem particular protagonismo as personagens de Alex, um jovem que se sente deslocado do ambiente em que se encontra, e a sua mãe, Christiane, uma mulher totalmente dedicada ao regime vigente. No dia dessa comemoração Christiane sofre um ataque cardíaco, por ver o seu filho ser levado por um corpo de polícias, em resultado da participação numa reivindicação contra o regime socialista. Após o incidente, a mãe do protagonista fica em estado de coma por um período de oito meses, que foram marcados por alterações profundas na antiga Alemanha comunista. Erick Honecker renuncia ao seu cargo, dá-se a queda do Muro de Berlim, o Capitalismo toma de assalto a antiga Alemanha socialista, representado no filme pela propaganda em torno da marca Coca-Cola, e são realizadas as primeiras eleições livres.

Após a melhoria do estado de saúde de Christiane, Alex vê-se confrontado com a necessidade de esconder da sua mãe as alterações ocorridas no seu país durante o período em que estava inconsciente. O jovem vê-se obrigado a recriar a Alemanha do período anterior à queda do Muro de Berlim, contando para tal com a ajuda da sua irmã, Ariane e dos seus amigos.

Desta forma, Wolfgang Becker consegue abordar de forma divertida, o processo de unificação da Alemanha, ao mesmo tempo em que são confrontadas duas ideologias políticas antagónicas, o Comunismo e o Capitalismo. O filme procura espelhar, de forma pormenorizada, o estilo de vida da antiga RDA, com as suas marcas, os seus programas de televisão e os seus valores. O realizador consegue criar um filme dentro do próprio

filme, onde para além dos ideais já referidos, são abordados valores como a liberdade, o respeito e família.

Good Bye Lenin é o maior sucesso cinematográfico de Wolfgang Becker, ao ponto de ter sido distinguido com o prémio de «Melhor Filme Europeu de 2003». O realizador estudou Alemão e História, fator esse que se espelha nas obras cinematográficas que realiza. Entrou na *Deutsche Film- und Fernsehakademie Berlin*, onde trabalhou como *camera man*. Apenas em 1986 terminou a sua formação na área do Cinema. Becker conta já com alguns êxitos, entre eles os filmes *Borboletas*, de 1987, *Jogos de Criança*, de 1992 e *A vida é tudo o que temos*, de 1997.

A sua formação de base – História – reflete-se de forma significativa nas obras que produz, nomeadamente no filme selecionado. O percurso do realizador foi um dos fatores que pesaram na escolha da obra cinematográfica, uma vez que se apresenta como um ótimo recurso para o estudo deste momento da história da Alemanha. Este filme possibilitaria ainda realizar atividades que promoveriam a interdisciplinaridade, nomeadamente entre as disciplinas de História e Alemão. Por sua vez, também é possível desenvolver atividades em torno dos valores, tomando como exemplo a história de Alex e sua mãe.

Entendemos que o filme selecionado, para além de abordar de forma interessante os conteúdos programáticos dedicados às sessões em questão, constitui um elemento promotor de reflexão em torno de um acontecimento marcante da história contemporânea, ao mesmo tempo que possibilita pensar os valores e atitudes.

1.2. O documentário e a Geografia

Ao refletir sobre a natureza do discurso cinematográfico, Jorge Seabra afirma que “*O tempo e o espaço são duas categorias fundamentais da narrativa filmica*”, sendo que o segundo, o espaço, “*é um segmento para o qual a narrativa remete a partir da imagem, convidando o espectador a situar-se numa realidade física que pode ser apenas diegética*,”

aquela onde o narrado se passa, ou histórica, quando o contado remete também para uma realidade física pré-existente como são, por exemplo, os filmes de evocação histórica”. (Seabra, 2016: 79)

À semelhança do que vimos relativamente ao ensino da História, também o ensino da Geografia privilegia a utilização da imagem uma vez que constitui um elemento de *“representação primordial para a compreensão do espaço geográfico”* (Martins, 2014: 431) Os recursos multimédia, nomeadamente o cinema, afirmam-se como um poderoso instrumento de comunicação, essencial a todo o processo ensino-aprendizagem. Isto manifesta-se de forma mais evidente no que toca ao ensino da Geografia, uma vez que esta ciência tem por missão o estudo do espaço, na sua dimensão humana e física, bem como as relações que o homem estabelece com o território.

O Programa de Geografia A oferece aos docentes algumas sugestões metodológicas, por forma a organizar o processo ensino-aprendizagem. Subjacente a essas sugestões está a necessidade de integrar a realidade do espaço circundante à escola por forma a tornar as aprendizagens verdadeiramente significativas. Isto implica, não só, tomar consciência dos recursos que se encontram ao dispor dos discentes, mas também ter em conta a realidade e as aspirações dos alunos. Neste sentido, as estratégias didáticas deverão ser pensadas por forma a constituírem experiências com significado para quem se destinam. Parece, portanto, que a utilização de recursos audiovisuais conjuga perfeitamente com os objetivos que se pretende atingir com esta disciplina.

Maria Felisbela Martins, ao refletir sobre a utilização da imagem no ensino da Geografia, refere que esta pode constituir um recurso *“capaz de gerar uma abordagem e discussão, permitindo ao professor desencadear o desenvolvimento de capacidades formativas junto dos alunos”* o que possibilita *“desenvolver a problematização de temáticas”*, bem como estimular *“posteriores pesquisas sobre os assuntos abordados pelo som e pelas imagens que difundem, com o fim de desencadear leituras por parte de quem as vê e as ouve”* (Martins, 2014: 430).

Ao utilizar a imagem – estática ou em movimento – como recurso didático, o docente está a estimular capacidades complexas junto dos discentes, uma vez que propõe

não só a sua visualização, mas também a sua análise e posterior reflexão. Isto demonstra-se mais significativo quando nos referimos à utilização didática do cinema, nas suas mais diversas vertentes, uma vez que possibilita colocar os alunos perante um recurso que lhes exige uma atitude crítica e de questionamento constante, ao mesmo tempo que lhes permite trabalhar ao nível dos valores e emoções.

Por forma a avaliar o papel do cinema enquanto recurso a ser potencializado nas aulas de Geografia, optou-se por seleccionar um género cinematográfico distinto daquele que foi aplicado em História, o documentário. Interessa, portanto, perceber qual a relação estabelecida entre o documentário e a realidade, bem como o seu papel enquanto elemento de comunicação. Tudo isto poderá clarificar em que medida o documentário se afirma como um instrumento precioso na reflexão em torno das problemáticas geográficas, bem como na formação de cidadãos geograficamente competentes.

A primeira questão que foi colocada prendia-se com a natureza do documentário, se é efetivamente uma narrativa cinematográfica. Sobre esta questão Ramon Breu (2010: 13) afirma que *“el documental es un espacio cinematográfico de toma de conciencia de los diferentes niveles de realidad”*. Por sua vez, a World Union Documentary define, em 1948, documentário como *“are all methods of recording on celluloid any aspect of reality interpreted either by sincere and justifiable reconstruction, so as to appeal either to reason or emotion, for the purpose of stimulating the desire for, and the widening of human knowledge and understanding, and of truthfully posing problems and their solutions in the spheres of economics, culture, and human relations”* (citado em Breu, 2010: 13).

Ainda que o documentário prefereencie a construção da sua narrativa tendo por base uma série de acontecimentos concretos, a realidade aí representada não deve ser encarada, em momento algum, como a verdade absoluta sobre a problemática que aborda. Se tal facto não deve ser ignorado na construção do conhecimento científico, o mesmo se pode dizer relativamente à adoção deste recurso no processo de aprendizagem em Geografia, ou noutra qualquer área disciplinar. Para que tal não aconteça, o docente deverá acautelar que os alunos entendam o discurso documental como uma, entre as muitas possíveis, leitura sobre determinado acontecimento, mantendo, por isso mesmo, uma postura atenta

e crítica perante um testemunho que tende a se afirmar como representação fidedigna da realidade.

Efetivamente importa reter que apesar do documentário constituir, entre os géneros fílmicos, o registo mais objetivo da realidade, não é a realidade em si. É uma construção sobre a realidade apreendida pelo realizador, mostrando a sua perspetiva sobre determinado facto. Reiterando esta questão, Jorge Seabra entende que *“qualquer imagem fílmica, por mais elementar que seja, tem um poder discursivo cujo significado está sempre para além daquilo que é representado denotadamente na tela”*, por isso mesmo, segundo o mesmo autor, *“um filme, quer seja documental ou ficcional, nunca pode ser confundido mimeticamente com a realidade que é mostrada nas imagens”* (Seabra, 2016: 79-80).

“Esclarecido que a imagem fílmica apenas oferece representações condicionadas segundo a perceção que o realizador tem ou quer dar sobre o território” (Seabra, 2016: 83) cabe ao docente, portanto, aproveitar o “poder discursivo” da narrativa documental, por forma a enriquecer o processo ensino-aprendizagem. Acreditamos que estratégias construídas em torno deste recurso didático poderão afirmar-se como significativas ao nível dos três domínios a potencializar nas aulas de Geografia: domínio cognitivo, domínio procedimental e domínio atitudinal.

Com o ensino da Geografia, no Ensino Secundário, pretende-se, entre outras questões, consciencializar os discentes para a *“crescente interdependência dos problemas que afetam os territórios e as relações do homem com o ambiente, permitindo-lhes participar nas discussões relativas à organização do espaço e desenvolver atitudes de solidariedade territorial, numa perspetiva de sustentabilidade”* (Martins, 2013: 386) Esta perspetiva não privilegia apenas o estudo do território enquanto espaço onde as sociedades se movimentam, problematiza também a forma como o homem pensa e percebe o espaço que habita. Nesse sentido, a utilização do filme, mais propriamente o documentário, *“ao ter como referente o território onde as sociedades humanas existem, permite ainda equacionar e refletir sobre as visões coletivas que as sociedades vão deixando sobre esse universo geográfico e, a partir daí, se forem construídos corpus fílmicos uniformes, torna-se possível apreender sobre a evolução da perceção coletiva*

que os autores cinematográficos foram produzindo sobre um território determinado” (Seabra, 2016: 84).

Ramon Breu, ao refletir sobre o documentário e a educação na comunicação afirma que *“el documental debe tener un lugar en la escuela, entanto que espacio de estudio, de análisis, de reflexion, de construccion de nuevas actitudes sociales y éticas de las personas”* possibilitando o confronto *“cara a cara com una realidade social y politica que no nos gusta y, a veces, activa un compromiso para cambiar las cosas”* (2010: 17) Entendemos, portanto, que a utilização do documentário, à semelhança do que acontece com as restantes construções fílmicas, possibilita aos alunos um contacto com uma realidade, ou construção de realidade, comunicada através da imagem e do som, o que poderá promover um maior envolvimento na construção do conhecimento, tonando-se visível nas atitudes dos discentes face ao meio que o envolve. Tivemos a oportunidade de comprovar tal facto durante a aplicação das estratégias desenhadas em torno do documentário, uma vez que proporcionaram o surgimento de momentos de discussão e reflexão onde os alunos assumiram uma postura ativa e crítica perante as problemáticas levantadas.

Partindo do princípio que a principal função do documentário é *“informar y concienciar a la sociedad sobre um determinado tema”* (Idem: 13), parece-nos fundamental que este recurso seja considerado como elemento a ter em conta no processo de construção do conhecimento geográfico, uma vez que possibilita aos discentes tomarem contacto com imagens que dão informações importantes sobre *“cómo se vive, cómo funciona el pequeño o gran mundo que se pretende analizar”* (Breschand, 2004, citado em Breu, 2010: 13). Seria extremamente difícil ao docente confrontar os alunos com determinadas realidades apenas com a exposição teórica, ou através de outros recursos didáticos. A imagem assume, portanto, um papel fundamental para a perceção de determinadas realidades, que muitas das vezes são completamente estranhas aos alunos.

Como vimos anteriormente, toda a estratégia ou recurso utilizado em sala de aula deve estar integrado num processo refletido, com objetivos bem definidos, por forma a permitir a construção de um conhecimento significativo. Os filmes ficcionais e

documentários não são uma exceção, pelo que o docente deverá definir critérios por forma a seleccionar corretamente os que se apresentam como potenciadores das competências dos discentes. Nesse sentido, Ambròs e Breu (2007: 199) elencam aqueles que entendem ser os critérios fundamentais para a seleção dos filmes e documentários a potencializar em sala de aula. Vejamos:

O FILME/DOCUMENTÁRIO DEVE SER
<ul style="list-style-type: none">• Atrativo aos olhos dos estudantes.• Transmissor de valores cívicos, de um ponto de vista global.• Adequado ao nível educativo.• Enriquecedor do ponto de vista pessoal e da cultura audiovisual.• Apropriado para a reflexão intelectual e para a reinterpretação do mundo.• Motivante para gerar um conjunto de propostas relacionadas com o currículo.

Quadro 1 Critérios para a seleção dos filmes e documentários a trabalhar em sala de aula (adaptado de Breu, 2010: 61)

À semelhança dos referidos autores, entendemos que estes critérios, de forma sintética, traduzem os aspetos a ter em conta no momento da seleção de uma obra cinematográfica, tanto de carácter documental como ficcional. Estes descritores deverão ser tomados em consideração sempre que o filme/documentário for apropriado pelo processo ensino/aprendizagem, independentemente da disciplina em questão. Entendemos, no entanto, que a questão da motivação para a reflexão em torno de determinadas temáticas, bem como a transmissão de valores cívicos, são aspetos essenciais e que devem estar claros num documentário a potenciar em Geografia, uma vez que o objetivo desta disciplina consiste em formar jovens geograficamente competentes e aptos a intervir na sociedade em que se inserem.

Outra questão refletida por Ramon Breu prende-se com a forma como o documentário pode ser potencializado em situação de sala de aula. O docente poderá optar por analisar integralmente o documentário selecionado, ou então poderá utilizar pequenos fragmentos por forma a representar um facto concreto. Sobre isto, o autor refere que ambas as possibilidades são válidas, contudo, a utilização de um excerto de uma obra *“puede provocar una sensación de frustración en el alumnado por no ver toda la película”* (Breu, 2010: 61). Por forma a contornar tal situação o autor refere que o docente poderá utilizar integralmente o documentário selecionado, podendo, no entanto, analisar o recurso em pequenas secções, intervalando com momentos de diálogo e realização de outras tarefas. Desta forma, o docente possibilita a troca de ideias sobre a realidade mostrada pelo documentário ao mesmo tempo que garante que a turma se encontra concentrada ao longo da estratégia.

O mesmo autor aponta ainda um modelo possível para a análise do documentário em situação de sala de aula. Esse esquema de análise encontra-se organizado em sete momentos distintos e procura aproveitar ao máximo as potencialidades desta tipologia de recursos. Ainda que não constitua um modelo infalível, parece-nos pertinente essa esquematização, como ponto de partida para uma potencialização refletida do documentário no processo de ensino.

Etapas da análise de um documentário.	
1. Apresentação oral do documentário.	
2. Ficha do documentário (realizada pelos alunos ou entregue pelo professor).	
3. Sinopse.	
4. Atividades de compreensão e reflexão.	
5. Compreender a linguagem audiovisual.	
6. Leituras de apoio.	

7. Estabelecimento de relações entre os elementos debatidos no documentário, bem como de outras questões suscitadas pelo documento.
8. Pesquisa na Internet.

*Quadro 2 Proposta de método de análise de um documentário de Ramon Breu
(2010: 61-70)*

Como referimos, este modelo de análise não é infalível nem constitui uma “receita” aplicável a todos os contextos. Caberá ao docente atentar nas características do meio em que se inere, bem como no perfil do seu grupo alvo para que a apropriação do documentário como recurso didático se traduza em resultados positivos. Para tal, a utilização pedagógica do documentário deverá surgir integrada numa estratégia didática bem desenhada com finalidades bem definidas.

Quando bem pensadas, as estratégias didáticas desenvolvidas tendo por base a relação entre Cinema e Geografia, podem-se traduzir em resultados bastante interessantes. Para tal, cabe ao docente perceber que “*o cinema e a linguagem cinematográfica não se encerram no plano de um ecrã*” (Castro & Fernandes, 2016: 5) e que constituem uma forma hábil – devido à natureza da sua narrativa – de perceber o mundo em que nos encontramos. Por isso mesmo, entendemos que o filme/documentário se impõe como um recurso didático imprescindível a ser potencializado nas aulas de Geografia. Através dele, os alunos são conduzidos a olhar o mundo de variadas perspetivas, de forma a constituírem a sua própria visão sobre o espaço que habitam e nele se afirmarem como cidadãos conscientes e ativos.

1.2.1. O documentário *Portugal: um Retrato ambiental* no processo de ensino-aprendizagem em Geografia

O Programa de Geografia A indica que “*o ensino da Geografia requer recursos didáticos diversificados, quer como instrumentos de análise geográfica, quer como*

auxiliares na formação de imagens mentais” (ME-DES, 2001: 19) Em sintonia com tal visão, este documento, à semelhança do que acontece nas orientações curriculares do Ensino Básico, procura promover a utilização dos recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem, visando uma formação geográfica consistente.

Conscientes destas diretrizes curriculares, na abordagem do último tema – tema 5 – tomou-se por opção analisar o primeiro episódio da série documental *Portugal, um retrato ambiental*, de Francisco Manso (2004), por forma a “*sensibilizar os alunos para algumas problemáticas relacionadas com a integração de Portugal na União Europeia*” nomeadamente no que diz respeito à política ambiental. (ME-DES, 2001: 16)

Com a visualização deste documentário pretendeu-se, de forma genérica, recuperar conteúdos abordados anteriormente, bem como munir os alunos de noções tidas como básicas para o desenvolvimento desta temática. Para além disto, pretendeu-se utilizar este documentário como motivação para a reflexão em torno da situação ambiental portuguesa, aliando o poder comunicativo deste recurso a documentos escritos, gráficos e cartografia dedicada à mesma questão.

Tendo como objetivo “*privilegiar uma abordagem centrada na importância que a Política do Ambiente tem vindo a assumir no conjunto das políticas comunitárias*” (ME-DES, 2001: 55), pareceu fundamental perceber a génese da Política Ambiental Portuguesa, por forma a contextualizar as alterações ocorridas neste domínio após a integração de Portugal na União Europeia. Por isto mesmo, o primeiro episódio desta série documental – País de contrastes – pareceu o recurso mais indicado para atingir essa finalidade.

Este documentário começa por retratar Portugal na década de 50 e 60 do século XX. Através de imagens de época o espectador é convidado a assistir à realidade de um país verdadeiramente rural, onde a industrialização dava os primeiros passos de forma incipiente, o setor pesqueiro não primava pela ousadia e até a agricultura se demonstrava pouco produtiva. A juntar a isto, são problematizadas as questões em torno da Guerra, da emigração e do isolamento que Portugal sentia face ao resto da Europa.

Após o 25 de Abril de 1974, Portugal lançou-se num processo de agregação ao resto

da Europa, o que se viria a traduzir num crescimento da Economia. Tal crescimento implicou graves consequências no que toca à degradação ambiental do país, questão que assume a centralidade durante todo o resto do documentário.

Num segundo momento do documentário levanta-se a questão se efetivamente existiu alguma Política do Ambiente em Portugal. Por forma a dar resposta a esta questão, são mostrados excertos de documentários de época, cruzando essas informações com entrevistas atuais – 2004 – aos protagonistas de todo esse enredo. Com isto, Luísa Schmidt⁴, a autora, pretendeu evidenciar quais os custos implicados na integração de Portugal na União Europeia.

Através da análise deste documentário é possível refletir sobre a valorização ambiental em Portugal, equacionando quais as fragilidades demonstradas neste domínio e levantando o debate sobre as realizações mais relevantes ao nível da Política do Ambiente no nosso país. Poderá constituir um bom ponto de partida por forma a:

- Reconhecer a importância que a Política do Ambiente tem vindo a assumir na União Europeia;
- Discutir as realizações mais importantes, em Portugal, no domínio da Política do Ambiente;
- Reconhecer a existência de disparidades económicas e sociais a nível regional.

Este documentário, para além de ser uma obra nacional, utiliza uma narrativa que, na nossa perspetiva, potencia a reflexão em torno da questão levantada. A riqueza das imagens trabalhadas possibilita tomar contacto com uma realidade significativamente distinta da que hoje reconhecemos, o que permite analisar a problemática de forma mais sustentada. A sua utilização enquanto recurso didático não se afirma como uma opção válida apenas pela sua natureza discursiva. O conteúdo e a problemática levantada, na

⁴ Investigadora do instituto de ciências sociais da Universidade de Lisboa dedica-se atualmente às áreas da Sociologia da Comunicação e Sociologia do Ambiente, em que se doutorou. Coordena a linha de investigação “Sustentabilidade: Ambiente, Risco e Espaço” e integra o Comité Científico do Programa Doutoral em “Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável”.

nossa perspectiva, são abordados de forma rigorosa do ponto de vista científico, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos e o aperfeiçoamento do vocabulário geográfico.

1.3. Plano Nacional de Cinema

O Plano Nacional de Cinema nasce de uma “iniciativa conjunta da Presidência do Conselho de Ministros, através do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, e do Ministério da Educação e Ciência, pelo Gabinete do Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, conforme Despacho n.º 15377/2013, publicado



no Diário da República, 2.ª série, n.º 229, de 26 de novembro de 2013, e operacionalizado pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA), pela Cinemateca Portuguesa — Museu do Cinema e pela Direção-Geral da Educação”. (DGE)

Perante alguma resistência, no interior do Sistema Educativo, face à instrução fílmica das camadas mais jovens da sociedade portuguesa, o PNC surge como um projeto que assume como missão valorizar o cinema enquanto movimento artístico e dotar os mais jovens de conhecimentos críticos face a esta arte, promovendo, desta forma, o gosto e prazer pela visualização de obras cinematográficas.

Nesse sentido, o Plano Nacional de Cinema (2016) define como seus principais objetivos:

1. *Promover a literacia fílmica em contexto educativo.*
2. *Expandir o conhecimento da herança cinematográfica portuguesa e mundial.*
3. *Alargar e elevar a consciência cultural entre os estudantes, privilegiando sempre as dinâmicas escolares para a promoção de literacia fílmica.*
4. *Estimular o conhecimento e a valorização da herança cultural do cinema*

como parte integrante do património e identidade, promovendo uma cidadania mais participativa por parte dos jovens.

Este projeto, grosso modo, pretende mostrar aos cidadãos em formação que o Cinema tem um valor próprio, que vai muito além do mero entretenimento. Nesse sentido, procura desenvolver atividades que se enquadrem no contexto educativo e que promovam o gosto pela visualização de cinema, privilegiando obras nacionais. Assim sendo, o PNC tem estabelecido parcerias com várias entidades e instituições, por forma a consolidar a sua atividade e alargar os seus objetivos a um maior grupo de estudantes.

Este projeto desenvolveu um programa de formação de professores, por forma a munir o corpo docente das competências essenciais de exploração e análise fílmica, visando a correta utilização desta arte no processo de ensino-aprendizagem. A intenção passa por aumentar as atividades em torno do cinema, junto dos alunos, bem como democratizar o acesso e melhorar a compreensão do Cinema, pelo que se afirma como fundamental dotar os professores de conhecimentos nesta área e disponibilizar o acompanhamento das escolas afetas ao plano.

No que toca ao balanço sobre a atividade do PNC, segundo o relatório de execução relativo ao ano de 2014 – 2015, o número de participação dos alunos e professores duplicou neste ano letivo. Esta é uma tendência que manteve no ano letivo 2015 – 2016, pelo que se pretende que a participação continue a aumentar, assim como as atividades desenvolvidas em torno do cinema.

PNC 2014-2015 - Totais - professores e alunos por distrito		
Distrito	N.º total de professores	N.º total de alunos
BRAGA	45	930
PORTO	31	1747
BRAGANÇA	4	50
VILA REAL	6	140
GUARDA	3	100
VISEU	26	665
COIMBRA	31	838
CASTELO BRANCO	5	210
LEIRIA	20	1884
AVEIRO	46	1332
SANTARÉM	5	100
LISBOA	56	669
PORTALEGRE	1	50
SEIXAL	11	730
BEJA	23	1103
FARO	6	280
Biscoitos -Terceira-Açores	2	50
Díli-Timor	5	20
Totais	326	10898

Fonte PNC/DGE/2014-15

Quadro 3 Número de professores e alunos envolvidos nas atividades do PNC

Ainda que o PNC tenha como missão valorizar o cinema enquanto arte detentora de uma linguagem específica e reflexo da expressão artística das sociedades, parece-nos fundamental encarar a sua existência como uma mais-valia para a formação de jovens conscientes e aptos a intervir de forma crítica e consciente perante o mundo que os espera, uma vez que a sua ação é pensada e aplicada em contexto escolar. Nesse sentido, poderá ser visto como um suporte à formação podendo aliar-se com outras áreas disciplinares, como o caso da História e Geografia. Através do fomento da literacia cinematográfica, podem ser desenvolvidas competências que vão ao encontro da consciência histórica – identidade e memória –, ao mesmo tempo que se poderá promover cidadãos geograficamente conscientes.

Entendemos, portanto, que o enquadramento educativo deste plano pode dar frutos não só ao nível da organização de atividades que englobem a totalidade do corpo educativo, como também na conjugação de sinergias que se espelhem no próprio contexto de sala de aula, promovendo um enriquecimento cultural e cívico dos jovens em situação escolar.

Capítulo 2. – Estudo de caso: objetivos, contexto, e estratégias didáticas

A planificação de um estudo de caso, mesmo no campo das ciências sociais, deve ser norteada por normas e critérios para que os resultados obtidos sejam cientificamente válidos. Em sintonia com tal facto, Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, no *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (1995), chamam à atenção para alguns aspetos a ter em consideração, lançando uma possível estrutura a ter em consideração ao longo de todo o processo investigativo.

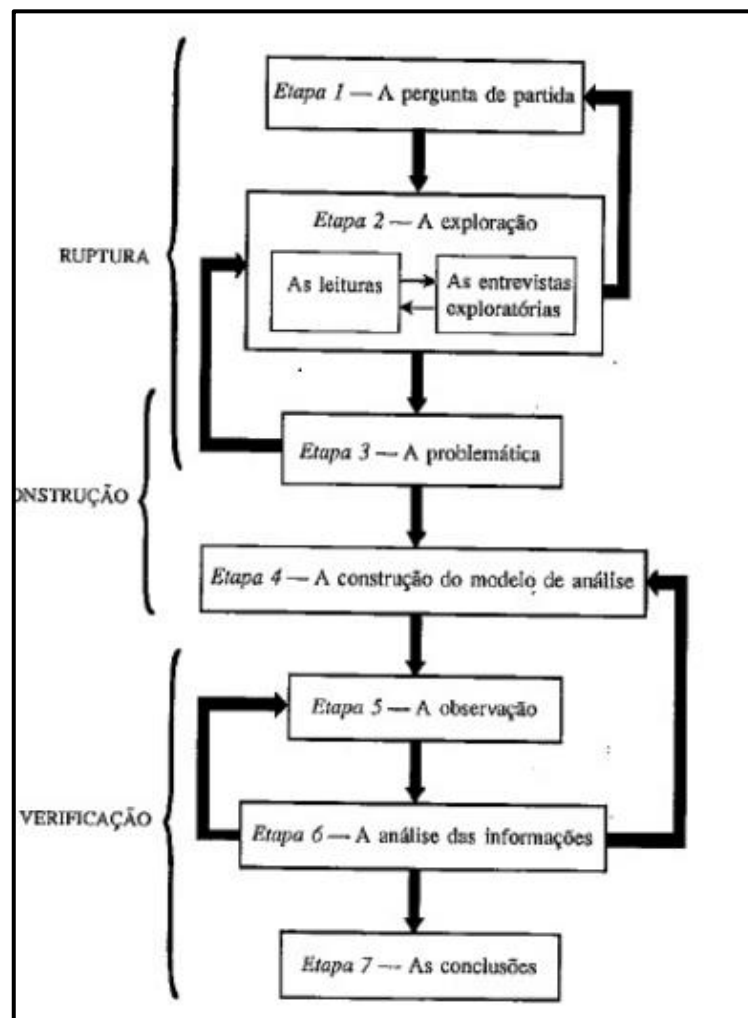


Figura 1 Etapas do procedimento (Quivy & Campenhoudt, 1995: 27)

Entendem que este processo se pode dividir em 3 atos principais: rutura, construção e verificação. Num primeiro momento é exigido ao investigador que adote uma postura crítica perante os preconceitos que tem face à questão que pretende estudar. Feito isto, será necessário contruir todo um conhecimento teórico por forma a traçar um plano investigativo, visando dar respostas às questões que define como sendo alvo da sua investigação. Por último, tendo como objetivo validar cientificamente as proposições, cabe ao investigador verificar pelos factos a veracidade de todo o processo que engendrou.

Tentou-se, sempre que possível, imprimir neste trabalho o rigor científico necessário para que as conclusões obtidas sejam válidas do ponto de vista metodológico. Nesse sentido, o estudo aqui apresentado teve em conta algumas teorias sustentadas em estudos práticos, e, também, a realidade em que foi desenvolvido o estudo.

Neste capítulo pretende-se, de forma sintética, clarificar os objetivos inerentes ao estudo de caso relatado, contextualizar o mesmo relativamente ao meio em que foi desenvolvido e o público a que se dirigiu e elencar as fases da aplicação da estratégia montada em torno da utilização didática do cinema, desde a fase de diagnóstico e de sensibilização até ao momento da visualização das obras seleccionadas e a sua posterior rentabilização e avaliação.

2.1. Objetivos da investigação

A relação entre cinema e a didática começa já a estar esmiuçada numa série de trabalhos que têm por objetivo escrutinar a viabilidade do filme enquanto recurso potenciador de aprendizagens significativas. Para além das reflexões teóricas sobre a relação estabelecida entre a sétima arte e determinadas áreas do saber, têm também surgido reflexões práticas sobre estudos de caso que assumiram como objetivo perceber as valências da utilização do cinema em contexto de sala de aula. As orientações

curriculares apontam já no sentido de se concretizar esta relação, que se pretende prática e promotora de bons resultados.

O estudo de caso apresentado reforça algumas conclusões tiradas em trabalhos que versam a mesma temática, ao mesmo tempo que procura perceber o impacto que as estratégias pensadas – que privilegiam a relação entre cinema e didática – tiveram junto desta amostra com características específicas e num contexto também ele particular.

Pretende-se, sinteticamente, perceber o papel do cinema enquanto:

1. elemento potenciador de uma aprendizagem significativa em História e Geografia;
2. elemento promotor da aquisição de novas aprendizagens;
3. estratégia motivacional em contexto de sala de aula.

As estratégias adotadas nas duas disciplinas foram distintas. Em História foi analisado o filme *Good Bye Lenin* (2003), de Wolfgang Becker, por forma a consolidar conhecimentos anteriormente abordados, bem como potencializar a aquisição de novos conhecimentos sobre a temática para que a estratégia foi pensada. Em Geografia o documentário *Portugal, um retrato ambiental* (2004), de Francisco Manso, foi utilizado com o objetivo de recuperar conhecimentos sobre a Política Ambiental Portuguesa, bem como promover o debate na tentativa de aprofundar questões que não haviam sido abordadas. Ainda que difiram em alguns pormenores, o objetivo das estratégias foi o mesmo: contribuir para a construção significativa do conhecimento sobre os assuntos abordados, bem como avaliar a validade do uso do filme enquanto recurso didático.

2.2. Amostra: contexto e grupo alvo

2.2.1. A Escola Secundária João Gonçalves Zarco

A Escola Secundária João Gonçalves Zarco caracteriza-se, de forma sintética, por ser uma instituição como uma longa história e por prestar à sua comunidade “*um serviço público de qualidade, proporcionando aos estudantes a aquisição e certificação de*

competências científicas, técnicas e comportamentais que lhes permitam assumir, com sucesso, num cenário de um mundo em mudança, um papel social e profissionalmente ativo.” (ESJGZ, 2015)

Localizada em Matosinhos, a ESJGZ é privilegiada por uma série de acessibilidades, possibilitando a prestação de serviços não só à comunidade residente na cidade, como de localidades próximas. Contando com um percurso de 61 anos, esta escola já foi alvo de várias mutações que possibilitaram a sua afirmação como um estabelecimento de ensino de referência a nível nacional.

Sendo fruto da onda de proliferação de uma rede de escolas técnicas que marcou Portugal em meados do século XX, a criação desta escola remonta aos anos de 1955, tendo funcionado em diferentes espaços da sua cidade berço. Fixou-se em 1969 nas instalações atuais, sendo que apenas em 1995, por atribuição autárquica, adotou o nome do navegador quatrocentista.

Em 2006 a Escola obteve um contrato de autonomia, homologado em 2007, o que reforçou a aposta num serviço de qualidade, pautado pela diversidade e inovação, manifestado, entre outras formas, por um conjunto de projetos e parcerias com outros organismos, nacionais e internacionais. Para além disto, a ESJGZ tem imprimido na sua conduta um conjunto de objetivos que visam o concretização da sua missão enquanto estabelecimento de ensino eficiente e de referência. Para tal, a comunidade assume como fundamental:

1. Promover o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, contribuindo para uma cidadania ativa, formando cidadãos críticos, intervenientes e solidários;
2. Melhorar os resultados escolares dos alunos, qualificando as aprendizagens e desenvolvendo competências em literacias;
3. Reforçar o envolvimento e participação de alunos e de Pais e EE na vida da Escola;
4. Promover a formação e atualização científica e pedagógica permanente de todos os agentes educativos;
5. Proceder a uma sistemática avaliação das práticas, recorrendo a metodologias participativas, garantindo a contextualização das análises e dos resultados;

6. Reforçar a imagem da ESJGZ na comunidade local e nacional, como uma instituição de referência e de qualidade. (Projeto Educativo, 2015: 14)

Mais recentemente, em 2009, o edifício da ESJGZ foi alvo de requalificações no âmbito do projeto da empresa Parque Escolar, o que se traduziu numa modernização e melhoria na qualidade dos serviços prestados à comunidade. Todos os elementos desta comunidade têm ao seu dispor instalações aprazíveis do ponto de vista estético, bem como operacionais e munidas de material moderno para a concretização de estratégias inovadoras e pertinentes sob o ponto de vista pedagógico. Este último aspeto foi fundamental para a realização deste estudo de caso, uma vez que a existência de equipamentos multimédia (computador, projetor e colunas) permitiu visualização e análise de filmes, sem que houvesse comprometimento da sua perceção.

Em resultado do caminho percorrido, esta Escola tem visto as suas práticas reconhecidas, nomeadamente no que diz respeito às áreas de Ação social, pelas quais recebeu, em 2013, o Certificado de Sistemas de Qualidade/ ISO 9001.

À data do relatório de Avaliação Externa das Escolas (2011), este estabelecimento contava com um universo de 1314 alunos: 392 do 3º ciclo; 551 dos cursos científico-humanísticos do ensino secundário; 194 dos cursos profissionais; 98 do curso de educação e formação de adultos (tipo 1); 21 alunos do curso de educação e formação (tipo 6). Dentro deste grupo de discentes, 78% não usufruem de auxílios económicos. (IGEC-AEE, 2011: 2)

Segundo os dados do relatório anteriormente citado, o corpo docente e não docente prima pela estabilidade e experiência profissional. No que diz respeito ao corpo docente, 83% do mesmo pertence ao quadro e 77% de um total de 158 professores tem experiência profissional igual ou superior a 10 anos. Se por um lado podemos caracterizar o grupo de professores desta escola como sendo experiente na prática letiva, não podemos ignorar o facto de também ser consideravelmente envelhecido. O mesmo se pode concluir sobre o pessoal não docente, uma vez que 58% do mesmo tem 10 ou mais anos de serviço. (IGEC-AEE, 2011: 2)

No que diz respeito aos resultados académicos, a taxa de conclusão do 9º ano e do 12º ano encontra-se em linha com os valores esperados para escolas com as mesmas

caraterísticas. Para a ocorrência destes resultados, além da dedicação de toda a comunidade, é fundamental a postura reflexiva por parte da direção na tentativa de delinear estratégias que visem a melhoria dos resultados obtidos. Foram dados grandes passos neste sentido, nomeadamente ao nível da partilha de práticas, de recursos e de elaboração de provas de avaliação. No entanto permanece a necessidade de se aprofundar ainda mais a análise dos resultados, bem como persistir na implementação de planos de melhoria, que não constituem ainda uma prática recorrente. (IGEC-AEE, 2011: 3)

Grosso modo, a Escola Secundária João Gonçalves Zarco caracteriza-se por ser dotada de um corpo – docente e não docente – experiente e capaz de promover a administração de um ensino de excelência, norteado pela inovação, dinamismo e inclusão de toda a comunidade, mostrando uma atitude de abertura face ao mundo exterior.

2.2.2. As turmas

A Escola Secundária João Gonçalves Zarco tem por norma a recolha de informação no início de cada ano letivo, visando a construção de uma caraterização de todas as turmas da comunidade escolar. Esse trabalho de recolha e síntese dos dados é elaborado pelo diretor de turma que posteriormente os faculta aos restantes professores da mesma, na tentativa de adaptar as estratégias educativas à realidade da cada grupo-turma. A caraterização das três turmas envolvidas no estudo de caso, de seguida apresentada, tem por base esses registos, bem como a experiência e contacto tido com as respetivas turmas ao longo deste ano.

O 11ºA é uma turma do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades que optou por Geografia A como disciplina de formação específica. É constituída por 26 alunos, sendo que 17⁵ são do género feminino e 9 do género masculino. Entre estes discentes, 11 já ficaram retidos no mesmo ano letivo, 8 dos quais reprovaram no 10º ano de escolaridade e duas alunas mudaram de curso no 10º ano.

⁵ Uma aluna, de nacionalidade brasileira, integrou mais tardiamente esta turma, uma vez que apenas a meio do ano letivo conseguiu a transferência para uma escola portuguesa.

Nesta turma apenas 9 alunos têm pais com formação superior e encontramos alguns com carências económicas, causadas, em grande medida, pela situação de desemprego em que os seus pais se encontram.

Segundo as informações obtidas através dos questionários, no início deste ano letivo apenas 4 alunos não manifestaram interesse em prosseguir os estudos após o 12º ano. Os restantes, na sua maioria, para além de se mostrarem interessados em ingressar no ensino superior, já definiram o curso em que se pretendem inscrever.

A disciplina de Geografia A é referida como sendo uma daquelas onde os alunos apresentam mais dificuldades. Os discentes afirmam que tais debilidades estão diretamente relacionadas com a complexidade dos conteúdos abordados, bem como com a exigência dos testes de avaliação. Ainda que Geografia tenha sido focada, pelos alunos, como uma disciplina causadora de alguns constrangimentos, a turma sempre mostrou interesse em superar as dificuldades, demonstrando uma postura ativa e interessada no decorrer das sessões.

O 9ºA foi uma das turmas com que tive a oportunidade de trabalhar ao longo deste ano, no âmbito da iniciação à prática profissional do ensino da História. Esta é uma das turmas com um menor número de discentes, 22 alunos no total, 10 raparigas e 12 rapazes. De forma genérica este grupo tem idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos. Apenas dois alunos contam com reprovações no seu historial académico, não tendo sido no 9º ano de escolaridade.

Tanto pais como mães têm, na grande maioria, como habilitações o 3º ciclo ou o ensino secundário, sendo que apenas 5 alunos referem que os seus pais possuem um curso superior. À data do preenchimento do questionário três alunos referem ter o pai ou a mãe desempregados, não havendo casos em que ambos se encontram nesta situação. Quatro alunos são abrangidos pelo escalão A da Ação Social Escolar.

História surge como uma das disciplinas em que os alunos manifestam mais dificuldades, sendo referida 10 vezes num total de 22 inquiridos. Não são apresentadas, por escrito, justificações para tal situação, contudo, tornou-se perceptível que tal facto se devia às estratégias adotadas em anos anteriores, bem como à complexidade de alguns conteúdos programáticos abordados. Ainda assim, considero que tal facto não tenha sido

desmotivador no decorrer deste ano letivo, uma vez que, na globalidade, os alunos se esforçaram por atingir os objetivos previamente estabelecidos e, ainda que em determinadas situações de forma desregrada, empenharam-se por manter uma postura ativa e interessada no decorrer das aulas.

Entre os 22 elementos desta turma, apenas dois alunos referem o interesse em ingressar no mundo de trabalho após o término do Ensino Secundário. Os restantes manifestam vontade de investir num curso superior, 15 dos quais têm já definida a área em que pretendem estudar.

A turma do 9ºB, no que toca às suas características, não difere muito da turma anteriormente caracterizada. É constituída por 27 alunos, 10 raparigas e 17 rapazes, com uma média de idades semelhante à da turma anterior.

Na sua generalidade os discentes desta turma não manifestam, de forma preocupante, dificuldades relativamente à disciplina de História. Ao longo de todo o ano letivo evidenciaram interesse e particular gosto pelas temáticas abordadas, facto esse que se viria a retratar nos resultados obtidos. Entre os 27 alunos deste grupo, apenas um manifestou dificuldades na compreensão das temáticas, sendo tal facto mais visível na sua prestação em momentos de avaliação.

2.3. Estratégia didática: etapas, técnicas e instrumento de recolha de dados

2.3.1. Diagnóstico de sensibilização

Partimos para este estudo com plena consciência que o trabalho em torno da imagem é complexo e que implica um esforço, por parte dos alunos e professores, de grande dimensão na tentativa de compreender a realidade que surge representada. Isto manifesta-se de forma mais visível quando nos referimos à imagem cinematográfica e ao discurso a ela associada. Nesse sentido, pareceu-nos pertinente realizar, tanto em História como em Geografia, alguns exercícios de diagnóstico de sensibilização, por forma a averiguar a postura dos discentes face a esta tipologia de recursos, bem como perceber o

seu grau de destreza na análise de documentos audiovisuais. Pretendemos ainda, nesta fase que constitui uma preparação para análise de recursos cinematográficos, dotar os alunos de alguns conhecimentos e competências, que entendemos fundamentais para a correta rentabilização de narrativas desta natureza.

Segundo Ramon Breu (2010: 61) se a intenção do docente passa por instruir os alunos sobre a análise crítica de películas cinematográficas terá de iniciar tal prática através de exemplos mais simples e de fácil compreensão. Entendemos que tal perspectiva se aplica a todo o processo de ensino aprendizagem, que se deve apresentar de forma gradual no que diz respeito ao grau de dificuldade e complexidade. Nesse sentido, algumas sessões foram pensadas com o intuito de inserir o discurso cinematográfico entre outros recursos didáticos, por forma a habituar os discentes a analisar, refletir e discutir tendo por base a narrativa apresentada.

Em História a diagnose de sensibilização foi promovida num bloco de 3 aulas de 50 minutos de duração. Essas sessões tiveram uma temática comum, o subdomínio *II. B – A II Guerra Mundial: violência e reconstrução*. As planificações construídas tiveram como principal objetivo apostar na diversificação de recursos, e, ao mesmo, tempo colocar particular destaque nos excertos de filmes selecionados (Anexo 1).

Procurou-se, no momento da seleção dos filmes a analisar, privilegiar as obras que de alguma forma se relacionavam com a temática abordada, selecionar excertos de filmes que servissem de motivação para o estudo do tema e tentar optar por discursos distintos, por forma a confrontar os discentes com estilos cinematográficos diversos. A visualização dos segmentos selecionados seria sustentada pela resposta a questões diretamente relacionadas com o seu conteúdo.

Na primeira sessão procurou-se perceber, essencialmente, as competências dos alunos ao nível da distinção entre realidade e ficção, tentando ainda indagar as suas destrezas no que toca à interpretação deste tipo de narrativas. Optou-se ainda por potencializar excertos de filmes – *O triunfo da vontade* e *O grande ditador* – com perspectivas distintas sobre uma mesma realidade, por forma a mostrar às turmas que o discurso cinematográfico constitui, tal como acontece com muitas outras fontes, uma

construção da realidade, com objetivos subjacentes.

Nas duas aulas que se seguiram optou-se por seleccionar excertos de filmes que, na nossa opinião, fossem mais próximos dos alunos, visto terem sido obras com grande impacto mediático. O objetivo seria, desta vez, analisar o papel do filme enquanto elemento motivacional no ensino da História. Conseguimos perceber, através da postura dos alunos, que a utilização destes filmes poderia favorecer a sua participação na construção do conhecimento histórico. Poderiam ter sido outras as obras seleccionadas para analisar junto das turmas, contudo, as eleitas pareceram bastante pertinentes tendo em conta as diretrizes curriculares e o impacto motivacional que se procurou criar junto dos alunos.

Esta abordagem que, relembramos, tinha como principal objetivo aferir sobre a sensibilização dos alunos perante a utilização didática do Cinema no processo de ensino-aprendizagem em História, possibilitou perceber que as turmas, na sua generalidade, se mostravam recetivas à utilização desta tipologia de recursos, ao mesmo tempo que possibilitou trabalhar as competências ao nível da análise de fontes históricas. Foi fundamental este processo para preparar os alunos para a estratégia seguinte e perceber como deveria ser potencializada a apropriação do filme em contexto de sala de aula.

Relativamente à diagnose de sensibilização junto da turma de Geografia, o processo decorreu de forma similar. À imagem do que se fez junto das turmas de história, também a planificação das aulas de Geografia procurou, sempre que possível, apostar na utilização de recursos de natureza variados, por forma a trabalhar as competências dos discentes a vários níveis e para imprimir uma maior dinâmica às próprias aulas. (Anexo 2)

Duas aulas – um total de 200 minutos – permitiram perceber qual a postura dos alunos desta turma relativamente à utilização dos recursos audiovisuais no ensino da Geografia. As sessões em questão debruçavam-se sobre as seguintes temáticas: *(Transportes e Comunicações) Os problemas de segurança, de saúde e ambientais e A agricultura portuguesa e a política agrícola comum.*

Não foram seleccionados segmentos de obras cinematográficas, mas antes vídeos de carater publicitário e informativo. À semelhança do que se fez com as turmas de

História, também com o 11ºA se pretendeu, com a potencialização destes recursos, perceber de que forma os alunos se sentiram motivados a participar no desenvolvimento da sessão. Por sua vez, estes recursos possibilitaram lançar a discussão em torno das temáticas abordadas e serviram de pretexto à reflexão em torno do tema da aula.

Ao longo das duas sessões, os alunos manifestaram uma postura crítica perante a narrativa audiovisual. Demonstraram dominar competências ao nível da análise e crítica da informação contida nos vídeos mostrados, resultando isso numa participação ativa e interessada nos momentos de debate sobre as questões levantadas. Tudo isto permitiu compreender que a turma se mostrava receptiva a documentos desta natureza, o que possibilitou passar para a etapa seguinte deste processo.

Através destas atividades foi possível perceber qual a sensibilidade dos alunos relativamente à utilização de filmes em contexto de sala de aula. Partimos para a visualização de uma obra integral com a consciência de que os alunos se mostram predispostos relativamente à utilização desta tipologia de estratégias. Pensamos que estas aulas, para além de servirem como averiguação da questão referida, possibilitaram o trabalho em torno dos cuidados a ter, por parte dos alunos, perante ferramentas desta natureza, constituindo um momento de reforço da teoria inicial deste relatório, ou seja, de que o Cinema, quando apropriado pela didática, pode ser promotor de aprendizagens significativas e competências fundamentais ao nível da História e da Geografia.

2.3.2. Questionário de rentabilização dos filmes analisados em sala de aula

A construção do questionário a aplicar no estudo de caso constitui, provavelmente, uma das etapas mais importantes e decisivas de todo o processo de investigação-ação. Após a definição da temática e da realização do diagnóstico de sensibilização, mostrou-se urgente definir que aspetos pretendia avaliar em torno da problemática lançada. Para tal, foi necessário consultar alguma literatura dedicada à questão, por forma a sistematizar

ideias e definir os objetivos do trabalho.

A consulta de bibliografia sobre a utilização didática do cinema – ficcional e documental – possibilitou, tal como vimos anteriormente, a definição das seguintes problemáticas, como aspetos a avaliar:

- I. A utilização didática do Cinema enquanto estratégia potenciadora da aquisição de aprendizagens significativas.
- II. O papel do filme/documentário enquanto promotor da consolidação de conhecimentos já adquiridos.
- II. A função motivacional do cinema no processo ensino-aprendizagem.

Definidos os objetivos da investigação, a fase seguinte consistiu em selecionar os filmes a analisar em História e Geografia, que teriam de ir ao encontro dos objetivos de cada área disciplinar, estar em concordância com os conteúdos programáticos e ao mesmo tempo serem atrativos, de forma a contribuir para a motivação dos estudantes para o estudo das disciplinas em questão. Nesse sentido, optou-se por analisar, em História, o filme *Good bye Lenin* e em Geografia o primeiro episódio da série documental *Portugal, um retrato ambiental*, visto que cumpriam os requisitos necessários.

De acordo com a proposta metodológica avançada por Mary Lankford, a definição dos filmes a serem potencializados foi sustentada por uma pesquisa prévia que se destinava a avaliar a pertinência dos instrumentos escolhidos. Esta pesquisa orientou-se de forma a esclarecer os factos abordados pelo recurso, o período em que foi realizado o filme e o documentário selecionados, analisar o percurso do realizador, bem como perceber o contexto de produção do filme/documentário. (Reigada, 2013: 75) Esta etapa constitui-se fundamental para perceber se as obras respeitam os objetivos didáticos pretendidos, bem como para permitir a sua contextualização junto das turmas e ainda o seu correto aproveitamento.

Selecionados os filmes a analisar nas duas disciplinas, procedeu-se à construção dos inquéritos que viriam a constituir o elemento de recolha de dados, fundamental à

avaliação da estratégia desenvolvida, bem como para perceber a opinião dos discentes sobre a utilização do filme/documentário nas disciplinas em apreço. Convém referir no entanto, que a resposta às questões não foi pensada por forma a substituir o diálogo entre a turma e o docente, que deve sempre assegurar que os discentes compreendem a obra na sua totalidade, potenciando o recurso de forma a atingir os objetivos traçados, bem como aproveitar a narrativa apresentada por forma a promover a discussão em torno da temática.

O questionário construído, que viria a ser aplicado às três turmas com as quais se desenvolveu o estudo de caso, compreende apenas 4 questões, que encerram em si objetivos muito específicos, diretamente relacionados com as valências que se pretendem avaliar em torno da utilização didática do cinema, sem que se comprometa a atividade enquanto momento de enriquecimento para os alunos.

Poderia ter sido construído um guião de exploração estruturado – género de uma ficha de visualização e escuta ativa –, por forma a permitir que a análise do filme/documentário fosse acompanhada do registo minucioso dos aspetos previamente definidos pelo docente como sendo mais relevantes. Um instrumento desta natureza permite, antes de mais, *“percorrer e registar as informações veiculadas pelo filme, com vista à sua rentabilização”* (Ribeiro & Alves, 2014: 173), diminuindo o risco de se perder informação tida como fundamental. Por outro lado, este exercício facilita a arrumação mental dos conteúdos abordados pelos filmes, permitindo aos discentes focarem-se naquilo que é entendido como verdadeiramente importante a reter.

Ainda que esta estratégia seja válida e se traduza em resultados muito positivos, não se compaginava com aquilo que verdadeiramente se pretendia desenvolver. Isto porque se entendeu que a existência de um guião meticulosamente construído, direciona a interpretação da obra para questões já identificadas, não permitindo que o aluno, de forma autónoma, atente no verdadeiro valor do que está perante os seus olhos.

A experiência enquanto aluno mostra que perante a necessidade de responder a um guião de exploração de um filme, a atenção centrar-se-á nos aspetos que o guião identifica como sendo mais relevantes. Havendo, geralmente, a tendência, por parte dos

alunos, de ignorar todos os aspetos que não possibilitem responder às questões levantadas. Nesse sentido, optamos por não construir um guião de escuta e visualização ativa, na tentativa de confrontar os alunos com a totalidade do filme que *“como qualquer obra de arte, comunica e perturba o espectador mais pela maneira, pela forma como os temas são desenvolvidos, do que pelos temas em si. Por isso, os vários aspetos da linguagem não devem ser menosprezados: os ângulos e enquadramento da câmara, o tipo de interpretação imprimido pelos atores, a contagem dos planos e sequências, a fotografia (textura e cores da imagem que vemos na tela), enfim, a narrativa que conduz a trama”* (Napolitano, 2009: 20). Ainda assim, esta estratégia de potencialização de filmes é didaticamente válida e, em muitos casos, a mais correta a ser utilizada. Contudo, perante a inexistência de uma fórmula correta para a utilização de recursos audiovisuais, optou-se por uma alternativa à aplicação de uma ficha de visualização e escuta ativa.

Era pretendido, portanto, que os alunos tivessem contacto com uma narrativa distinta daquela que é utilizada nas aulas ditas expositivas, visando a construção da sua própria narrativa tendo por base a perspetiva subjacente ao filme e documentário selecionados. Nesse sentido, pareceu-nos lógico adaptar os objetivos do estudo, já identificados, à temática explorada pelos recursos, definindo, desta forma, as questões que viriam a constituir o questionário a ser entregue aos alunos. (Anexo 3 e 4) Ainda que esta nos tenha parecido a estratégia mais indicada tendo em conta os objetivos definidos, pode resultar numa análise genérica e pouco profunda da obra cinematográfica selecionada.

Os questionários (figuras 2 e 3), uma vez que pretendem avaliar as mesmas questões tanto em História como em Geografia, seguem exatamente a mesma lógica, apresentando pequenas *nuances* que se prendem com as diferentes realidades tratadas nas duas disciplinas.

A primeira questão do inquérito procurava perceber em que medida a visualização e análise do filme/documentário, havia possibilitado consolidar conhecimentos sobre temáticas anteriormente abordadas. Por sua vez, com a segunda pergunta pretendia-se que os alunos refletissem sobre os conhecimentos adquiridos com a visualização dos filmes selecionados. A outra dimensão que se pretendia escrutinar relacionava-se com o papel

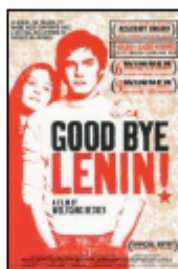
motivacional do Cinema nas aulas de História e Geografia, aspecto esse que surge materializado na terceira questão. Por último, é perguntado aos alunos a sua opinião sobre a utilização do filme/documentário enquanto recurso para o estudo dessas disciplinas.



História 9º ano



Nome _____ Número: _____ Turma: _____
Data: __/__/__



Título: GOOD BYE LENIN
Ano: 2003
Realização: Wolfgang Becker

1. O filme Good Bye Lenin (2003) retrata duas realidades: o mundo capitalista e o mundo comunista. Quais as características que te pareceram mais evidentes em cada um desses mundos?

2. Quais os aspetos novos que o filme trouxe ao teu conhecimento sobre o capitalismo e o comunismo?

3. A visualização do filme motivou-te para conheceres mais conteúdos sobre este assunto?

4. Consideras o filme um bom recurso para o estudo da História? Porquê?

Escola Secundária João Gonçalves Zarco

Figura 2 Questionário de rentabilização do filme Good Bye Lenin



2015/2016

GEOGRAFIA A 11^º Ano
A POLÍTICA AMBIENTAL EM PORTUGAL

Nome _____ Número: _____ Turma: _____

Data: __/__/__



Título: PORTUGAL, UM RETRATO AMBIENTAL

Ano: 2004

Realização: Francisco Manso

1. O documentário *Portugal, um retrato ambiental* retrata as alterações sofridas nos últimos quarenta anos no que toca à realidade ambiental do nosso país. Quais as preocupações ambientais que te pareceram mais evidentes?

2. Quais os aspetos novos que o filme trouxe ao teu conhecimento sobre o ambiente e a política ambiental portuguesa?

3. Em que medida a visualização deste documentário te motivou mais para o estudo deste assunto?

4. Consideras o documentário/filme um bom recurso para o estudo da Geografia? Porquê?

Escola Secundária João Gonçalves Zarco

Figura 3 Questionário de rentabilização do documentário Portugal, um retrato ambiental

2.3.3. Visualização

Perante a existência de uma pluralidade considerável de metodologias de aplicação do filme em contexto de sala de aula, optou-se por beber influência de algumas teorias, que se aproximam do que era pretendido. Estiveram na base metodológica da aplicação desta estratégia, as sugestões lançadas por Mary Lonkford. Marcos Napolitano e Ramon Breu.

A estratégia implicou três momentos distintos: pré-visualização, visualização do documentário/filme e análise do mesmo. Teria sido muito proveitoso dedicar uma hora letiva à preparação para a visualização do filme, contudo, o reduzido número de aulas não permitiu que tal acontecesse. Nesse sentido, os primeiros minutos das aulas dedicadas à análise de obras cinematográficas foram ocupados por algumas explicações prévias. Coube ao docente explicar os objetivos inerentes à própria estratégia didática, contextualizar a obra a analisar tendo em conta os conhecimentos já trabalhados, refletir sobre o tempo e o espaço em que foi realizado o filme/documentário, por forma a perceber como essa realidade se evidenciou na narrativa apresentada. Para além disto, os alunos foram ainda alertados para a necessidade de manifestarem um comportamento adequado durante a visualização do filme/documentário, ao mesmo tempo que se chamou à atenção para a necessidade do registo das informações veiculadas no recurso.

O segundo momento da estratégia consistiu na visualização e análise da película, tendo por base a reflexão inicial potenciada pelo professor. Optou-se por separar a atividade de visualização e análise do filme/documentário, da resposta às questões lançadas aos alunos. Ou seja, os alunos apenas responderiam ao questionário depois de terem visto o filme, no caso da História, e o documentário, no caso da Geografia.

Nesse sentido, as películas selecionadas foram visualizadas na íntegra, sem que houvesse qualquer recorte⁶. Com isto, pretendíamos que a perceção da narrativa não fosse influenciada pela seleção prévia dos momentos do filme entendidos como mais relevantes. Esse trabalho de recorte poderia trazer algumas vantagens no que toca à

⁶ Ao nível da disciplina de História foi necessário dividir a visualização em duas aulas, uma vez que cada sessão tem apenas a duração de 50 minutos.

planificação da aula, permitindo uma melhor rentabilização do tempo das sessões, uma vez que se centrariam esforços em fragmentos exclusivamente dedicados a determinados conteúdos e ao desenvolvimento de competências específicas. Ainda assim, apostou-se na análise integral da narrativa visando a compreensão, por parte dos alunos, da perspetiva subjacente à realização da mesma.

Nesse sentido, as duas turmas de História visualizaram o filme *Good bye Lenin*, de Wolfgang Becker durante duas sessões de 50 minutos. A visualização deste filme integra-se num conjunto de estratégias desenvolvidas em torno do estudo da Guerra Fria, pelo que se pretendia consolidar os conteúdos já trabalhados e promover a aquisição de novos conhecimentos e competências no campo da análise crítica de fontes. O questionário foi enviado como trabalho a realizar em casa, para posteriormente ser entregue e alvo de análise e avaliação (Anexo 5).

Em Geografia a estratégia diferiu em alguns aspetos. O primeiro episódio da série documental *Portugal, um retrato ambiental*, foi analisado na primeira parte da aula, por forma a recuperar alguns conteúdos temáticos abordados anteriormente e impulsionar a reflexão em torno da temática da sessão – A valorização ambiental em Portugal e a Política Ambiental Comunitária. A segunda parte da aula foi dedicada ao preenchimento do questionário bem como à potencialização do recurso, promovendo a reflexão em torno da temática abordada pelo mesmo, combinando isto com a análise de recursos de outra natureza (Anexo 6). A visualização deste documentário evidenciou-se fortuita nas aulas que se seguiram, uma vez que os discentes conseguiram facilmente associar os conteúdos abordados com a realidade retratada no documentário, o que permitiu compreender a questão na sua totalidade.

Capítulo 3. – Análise e interpretação dos resultados

O presente capítulo tem como objetivo avaliar a pertinência didática do cinema enquanto estratégia a ser utilizada em situação de sala de aula, tendo por base um conjunto de dados recolhidos junto das três turmas anteriormente referidas. As conclusões obtidas sustentam-se única e exclusivamente nos resultados recolhidos no contexto em questão, não existindo pretensão de generalizações.

Por forma a indagar a pertinência didática do cinema, procederemos à análise das fichas de análise do filme, realizadas na disciplina de História e Geografia. Ainda que estes instrumentos apresentem a mesma configuração e tenham como objetivo avaliar as mesmas questões, pelo facto de terem sido aplicados em estratégias distintas e de forma também ela diferente, conseguimos atingir diferentes conclusões nas duas disciplinas.

Começaremos por analisar os dados recolhidos na disciplina de História, tentando cruzar a informação retirada das fichas formativas com outras, recolhidas ao longo do ano letivo em estratégias desenvolvidas em torno da relação História-Cinema. Posteriormente analisaremos os dados recolhidos em Geografia através das fichas de análise do documentário analisado.

A metodologia de análise dos resultados consiste, essencialmente, numa análise qualitativa, tendo por base o conteúdo das respostas dadas pelos discentes. Por forma a estruturar a avaliação dos dados, seguiremos a lógica adotada na construção das fichas de análise do recurso, apresentando os resultados por questão, uma vez que estas encerram em si um objetivo específico e pretendem avaliar uma valência concreta da utilização do cinema.

3.1. Em História

O estudo de caso, no que à disciplina de História diz respeito, teve como público-

alvo duas turmas do 9º ano de escolaridade, o 9ºA e o 9ºB. Inicialmente pensou-se aplicar a estratégia a mais uma turma, contudo, as interrupções do calendário escolar não permitiram desenvolver a atividade junto do terceiro grupo, o que poderia ter funcionado como um reforço das ideias concluídas com este estudo.

Neste sentido, avançou-se com a investigação contando com um grupo de 49 alunos, distribuídos por duas turmas: o 9ºA, com 22 alunos, e o 9ºB, com 27 alunos. Entre o número de indivíduos com que se desenvolveu esta atividade – 49 – e o número de resultados obtidos há uma diferença significativa, o que, por si só, poderá refletir a atitude dos discentes face à atividade desenvolvida, bem como o papel do cinema enquanto elemento motivacional no processo de aprendizagem em História.

Tal como tivemos oportunidade de referir anteriormente, a recolha de dados em História e Geografia procedeu-se de forma distinta. Em História, dado o número limitado de horas letivas dedicadas à disciplina no ensino básico, privilegiou-se o espaço da aula para a visualização do filme selecionado, por forma a esclarecer possíveis dúvidas que daí surgissem. Após a visualização do filme, pretendia-se que em casa, de forma autónoma, os discentes respondessem a um conjunto de quatro questões que iam ao encontro da temática do filme e possibilitava a avaliação do filme enquanto recurso a utilizar no estudo da História.

Perante esta limitação, numa primeira fase, apercebemo-nos da oportunidade de utilizar esta fragilidade como um ponto de partida para perceber o impacto que a estratégia desenvolvida teve junto das duas turmas. Ou seja, o número de fichas entregues poderia ser entendido como sinónimo do grau de motivação e interesse dos alunos perante a utilização dos filmes em situação de aprendizagem.

O número de fichas de análise do filme entregues pelos alunos corresponde a 65% daquilo que era expectável. Um total de 18 alunos – 35% – não realizou a tarefa na sua totalidade, ou seja, visualizaram o filme na sala de aula, mas não deram resposta às questões levantadas como trabalho a realizar em casa, o que não permitiu avaliar o impacto que atividade teve junto desses mesmos discentes. Perante a ausência de 35% das respostas esperadas, poderíamos concluir que a utilização do filme, enquanto recurso

didático, não constitui um elemento motivacional no ensino da História, uma vez que um número significativo de alunos não respondeu ao solicitado. Contudo, outros dados obrigam-nos a refletir de forma mais ponderada e não nos permitem concluir desta forma.

No âmbito de uma atividade extra curricular desenvolvida no final do ano letivo e que tinha como mote a relação entre o Cinema e a História, as duas turmas em apreço responderam de forma empenhada ao que lhes havia sido solicitado. Como tarefa, teriam de visualizar e analisar um filme em grupos de quatro elementos, para posteriormente elaborarem um cartaz promocional da obra cinematográfica que haviam selecionado. Esta atividade resultou de uma parceria entre o núcleo de estágio e a biblioteca da escola, tendo como principais objetivos incutir, na restante comunidade, o gosto pelo cinema, bem como divulgar os serviços da biblioteca da ESJGZ (Anexo 7).

Pretendia-se que os trabalhos fossem posteriormente afixados para visualização de toda a comunidade escolar e fossem apresentados oralmente no dia do evento “Cenas da Zarco”, alusivo à temática em questão. Os trabalhos realizados, na sua maioria, traduziram uma análise atenta dos filmes selecionados e resultaram em trabalhos originais e de grande qualidade (Anexo 8). Para além disto, a comparência das turmas, de forma significativa, no evento mencionado, é demonstrativa do empenho e do interesse pelo assunto abordado, bem como das estratégias desenvolvidas.

Posto isto, não é possível concluir, de forma perentória, que a ausência de 35% das respostas solicitadas signifique desinteresse e falta de motivação face ao cinema enquanto elemento motivacional e promotor de novos conhecimentos na disciplina de História. Podemos concluir, eventualmente, que o filme selecionado não foi ao encontro dos gostos pessoais desses alunos, ou que não se identificaram com o exercício pensado.

A primeira questão – *O filme Good Bye Lenin (2003) retrata duas realidades: o mundo capitalista e o mundo comunista. Quais as características que te parecem mais evidentes em cada um desses mundos?* – tinha como objetivo refletir em torno do antagonismo entre a ideologia comunista e capitalista na Alemanha dividida. Pretendia-se, grosso modo, que os alunos conseguissem, através da análise do filme, elencar as características mais evidentes de cada um desses mundos.

Tendo em conta as respostas dadas, todos os alunos demonstraram ter clara a ideia da existência de dois mundos distintos dentro da mesma Alemanha. Na sua maioria, as respostas dadas demonstram dificuldade na articulação lógica das ideias, bem como na construção frásica, contudo, manifestam um significativo conhecimento da temática, bem como relativa agilidade na sua articulação com a realidade retratada no filme. Convém ainda referir que todos os alunos responderam – de forma mais ou menos completa – ao que lhes foi solicitado nesta primeira questão.

Poucos são os alunos que, em ambas as turmas, apresentam uma resposta completa, onde são focadas as características necessárias de forma a clarificar a discrepância entre as duas realidades retratadas. Conseguimos identificar que existe alguma similitude entre as respostas dadas dentro do grupo turma, ou seja, é possível identificar um padrão de resposta dentro de cada turma, o que nos permite concluir que houve troca de ideias no momento da estruturação das respostas. Nesse sentido, parece lógico que a análise destes dados seja feita por turma.

Os alunos do 9ºA, na sua grande maioria, preferiram listar os aspetos que distinguem o comunismo do capitalismo, por forma a dar conta da contrariedade das realidades retratadas. Nesse sentido, colocam a tónica nos aspetos económicos, chamando a atenção para a existência de uma economia dirigida no lado comunista e de uma economia capitalista marcada pela liberdade dos mercados. Referem ainda a liberdade de expressão como uma das principais divergências entre as duas ideologias, associando o capitalismo ocidental ao conceito de liberdade e o comunismo com a ideia de dirigismo e de supremacia do interesse coletivo sobre o interesse individual. Outra das questões mais focadas pelos discentes prende-se com a diferença nos modos de vida, demonstrado, entre outras formas, na indumentária dos personagens do filme, bem como no acesso a grandes marcas internacionais, nomeadamente a Coca-Cola, referida constantemente ao longo das respostas.

Vejamos o exemplo de duas das respostas dos alunos do 9ºB por forma a percebermos a forma como percecionaram a existência de dois mundos dentro da mesma

Alemanha.⁷

• *“O Socialismo tem uma economia planificada, onde prevalece uma supremacia de interesse coletivo e os meios de produção são propriedade do Estado, no entanto o capitalismo respeita as liberdades individuais, tem uma economia de mercado e propriedade privada dos meios de produção”*

• *“No mundo comunista tudo era demasiado rígido, como por exemplo, as crianças terem todas que saber as músicas que honravam o regime. Já o mundo capitalista era um mundo “ideal” para algumas pessoas do lado comunista. O mais representado no filme era a existência da Coca-Cola no lado capitalista e no comunista ser totalmente proibida”*

Poucas respostas integram elementos do filme como forma de explicação, contudo, torna-se claro que, nesta turma, os discentes conseguiram identificar os conhecimentos anteriormente abordados na narrativa apresentada. Por outro lado, ainda que possamos identificar um padrão em determinadas respostas, outras fogem a essa lógica, demonstrando a percepção de aspetos interessantes, o que traduz a riqueza do recurso, uma vez ser possível a existência de várias perspetivas sobre uma mesma questão.

Relativamente às respostas apresentadas pela turma 9ºB à mesma questão, também conseguimos identificar aspetos comuns a todas elas. De forma global, tendo por base a informação do filme, caracterizam o mundo comunista como sendo repressivo e limitador das liberdades individuais, referindo ainda o dirigismo económico como um dos elementos mais identitários desta ideologia política. Tal como na turma anteriormente referida, também estes discentes focaram com particular incidência o surgimento da Coca-Cola como exemplo da ocidentalização da Alemanha comunista, bem como estranharam a resistência, por parte dos comunistas, perante determinados produtos

⁷ As respostas transcritas não foram alvo de qualquer alteração.

alimentares, tidos como tipicamente capitalistas. No que refere ao mundo capitalista, associam-no de forma direta aos conceitos de liberdade e revolução, dada a perspetiva com que é abordada a liberdade nas sociedades ocidentais.

A segunda questão – *Quais os aspetos novos que o filme trouxe ao teu conhecimento sobre o capitalismo e comunismo?* – pretendia indagar sobre quais os aspetos que, com a visualização do filme, os alunos haviam adquirido sobre a temática em abordagem. Com isto, pretendíamos perceber se a utilização do Cinema, em contexto de sala de aula, pode promover a aquisição de novos conhecimentos em História.

Perante esta questão, 13 alunos da turma 9ºA referem ter aprendido novos aspetos sobre a realidade capitalista e comunista, tentando identificar quais esses aspetos. Apenas dois estudantes deixaram esta questão por preencher, o que pode significar que não conseguiram identificar no filme nenhuma questão nova, ou que entendessem como significativa para ficar registada. Contudo, estas conclusões são meramente dedutivas, uma vez que poderiam ter optado por referir diretamente que o filme não contribuiu para a aquisição de novos conhecimentos sobre a matéria, como aconteceu no 9ºB

Segundo as respostas apresentadas, os alunos ficaram mais esclarecidos quanto às diferenças entre as duas ideologias contrastantes, nomeadamente no que diz respeito aos direitos individuais, bem como ao próprio estilo de vida da população. Foi em torno deste aspeto que se desenvolveram as respostas dos discentes, havendo no entanto, uma variedade considerável de interpretações sobre o mesmo assunto. Vejamos:

- *“No comunismo a sociedade parecia ter medo de sair à rua, medo de fazer qualquer coisa, medo de falar... Na passagem para o capitalismo, a população parecia estar bastante mais aliviada, ao início estavam com receio mas logo perceberam que estavam “livres”.”*

- *“O Capitalismo era muito mais “aberto”, tinha-se variedade de empresas, de marcas, tinham mais liberdade. O comunismo era mais “fechado”, resumia-se apenas a uma coisa, não havia variedade nem tanta liberdade.”*

- *“Como filme aprendi símbolos do Capitalismo, tal como a Coca-Cola e símbolos do Comunismo, como o facto de só ter alimentos comunistas de modo a estimular a produção do país e com a chegada do Capitalismo houve globalização na produção.”*

As respostas do 9ºB diferem de forma considerável das da turma anteriormente referida. Os alunos desta turma demonstram dominar de forma mais sustentada os conteúdos históricos abordados no filme *Good Bye Lenin*, traduzindo-se isto em respostas mais completas e reflexivas. Também contrariamente ao que acontece com o 9ºA, quatro alunos desta turma referem claramente que a visualização do filme selecionado não se traduziu na aquisição de novos conhecimentos sobre a temática abordada.

Dois desses alunos afirmam apenas não ter aprendido novos conteúdos, sem apresentar uma justificação para tal ter acontecido, ao contrário do que acontece com outros dois discentes dessa mesma turma, que sustentam a sua afirmação da seguinte forma:

- *“O filme não me trouxe nenhum aspeto que eu desconhecesse sobre o Capitalismo e o Comunismo, apenas funcionou para eu ligar o que eu vi no filme à matéria estudada nas aulas.”*

- *“Na verdade o filme não me trouxe muito ao meu conhecimento sobre o assunto, pois achei que o filme não se foca muito em ser historicamente correto mas sim na vida da personagem principal.”*

Perante os resultados apresentados, em ambas as turmas, conseguimos perceber que 81% dos alunos – 25 em 31 – saíram mais conhecedores desta temática após a visualização do filme. Ainda assim, dentro deste grupo de discentes que afirma ter tomado conhecimento de novos aspetos sobre o Comunismo e o Capitalismo, apercebemo-nos da dificuldade em sustentar de forma escrita esse enriquecimento. Tal poderá estar diretamente associado à tipologia de questões apresentadas, ou então com a dificuldade

manifestada por muitos alunos na construção de respostas estruturadas. Ainda assim, na sua maioria, o *feedback* dos alunos demonstra terem adquirido novos conhecimentos, ao mesmo tempo que denota terem sido críticos perante a narrativa que lhes foi apresentada.

As últimas duas questões pretendem aferir o papel do Cinema enquanto fator de motivação no processo de ensino-aprendizagem em História, bem como perceber a opinião dos alunos sobre a pertinência da utilização de filmes como recurso para o estudo desta disciplina.

Perante a terceira questão – *A visualização do filme motivou-te para conheceres mais conteúdos sobre este assunto?* –, 6 estudantes da turma do 9ºA afirmam que o género de filme selecionado não se enquadra com os seus gostos pessoais, daí não os ter motivado para o aprofundamento sobre o tema em análise. Em contrapartida, apenas 5 alunos se sentiram motivados a conhecerem mais conteúdos sobre este assunto, devido à visualização do filme de Wolfgang Becker. Vejamos algumas das justificações dadas.

- *“Sim, pois a partir da visualização do filme consegui compreender melhor a rivalidade existente entre os capitalistas e socialistas”*
- *“Sim, motivou-me mais para saber sobre a formação da Coca-Cola”*

Um dos alunos não responde de forma assertiva, afirmando que o filme selecionado “talvez” o tenha motivado para continuar a estudar, uma vez que o género não era o que mais apreciava. Três alunos deixaram esta questão por responder, o que não nos permite tirar qualquer ilação.

De acordo com os dados recolhidos, os alunos do 9ºB grosso modo, sentiram-se mais motivados a investir nesta temática histórica. Todos responderam, de forma clara, à pergunta solicitada, ao contrário do que aconteceu com a turma anterior. 15 discentes - 94 % - afirmam terem ficado mais motivados após a visualização do filme em situação de aula. Apenas dois, entre estes alunos, afirmam que o filme os tenha motivado, sem apresentarem qualquer justificação para tal. Os restantes – 13 alunos – justificam de forma

sustentada a sua afirmação, sendo que, através da análise desses dados, conseguimos perceber que foram essencialmente dois os motivos pelos quais os discentes se sentiram motivados. Por um lado, entenderam que a visualização do filme constituiu uma estratégia facilitadora da aquisição de conteúdos e, por outro, devido ao próprio momento histórico que serve de pano de fundo à ação, uma vez ser uma questão do interesse geral. Vejamos algumas das justificações apresentadas.

- *“Sim, porque ao ver o filme pude interiorizar melhor a matéria estudada nas aulas, porque aprender sobre um determinado assunto através de livros e documentos é diferente do que poder visualizar concretamente, mesmo que seja uma parte ficção por ser um filme, as situações vividas neste caso, no comunismo e no capitalismo.”*

- *“Sim, porque é muito fácil de compreender o que é exposto. Acho que se aprofundam mais os conhecimentos sobre os assuntos tratados no filme.”*

- *“Sim, pois o tema da Alemanha após a 2ª Guerra Mundial foi um assunto que sempre me interessou e após a visualização deste filme, fiquei ainda mais curioso.”*

- *“Sim, este filme retrata muito bem a história da Alemanha, antes e depois da reunificação e o fim da RDA socialista, um assunto que gostaria de abordar mais.”*

- *“Sim motivou. O filme é bastante chamativo e interessante, fazendo-nos querer ver mais e mais filmes sobre o assunto, de forma a tornar-nos mais cultos.”*

Um dos alunos desta turma afirma não se ter sentido motivado, pelo filme, a conhecer novos aspetos sobre o assunto abordado, contudo, não apresenta justificação para tal facto.

A última pergunta do questionário – *Consideras o filme um bom recurso para o estudo da História? Porquê?* – pretendia avaliar a pertinência da utilização do filme enquanto recurso para o estudo da História. O objetivo não era analisar a pertinência do filme selecionado para a aula em apreço, mas sim perceber a utilização didática do cinema no contexto do ensino da História, uma vez que esta relação – História e Cinema – foi

utilizada em diversas estratégias educativas.

À questão “*Consideras o filme um bom recurso para o estudo da História?*”, 13 alunos do 9ºA responderam de forma assertiva que sim, o que significa que a pertinência deste recurso se localiza nos 86 valores percentuais, no que a esta turma diz respeito. Nenhum discente respondeu negativamente à questão, havendo, no entanto, um caso em que a questão não foi respondida e outro caso em que um aluno afirma que o cinema é um bom recurso para o estudo da História, contudo o filme selecionado para esta temática não foi do seu agrado.

- “*Sim e não. Sim porque o cinema é uma ótima forma de se conhecerem histórias e passados. No entanto, para mim não, talvez porque não gosto da matéria ou então porque não gostei muito do filme.*”

Ainda assim, segundo os testemunhos recolhidos, podemos concluir que junto desta turma, o filme é visto como uma fonte viável e proveitosa para o estudo da disciplina de História.

- “*Considero o filme um bom recurso para o estudo da história, pois ao vermos filmes sobre a matéria decoramos mais facilmente o assunto e quando estivermos a fazer o teste lembramo-nos do filme*”

- “*Sim, porque acho que desperta mais a atenção de quem aprende e o filme demonstra a realidade ou tenta demonstrar a realidade da história e dos conhecimentos históricos*”

Os alunos do 9ºB partilham da mesma ideia no que diz respeito a esta questão. Todos os que entregaram o questionário consideram o filme como um bom recurso para o estudo da História.

- *“Sim, porque de uma forma cativante e inconsciente adquirimos conhecimentos”*
- *“Eu considero o filme um bom recurso para o estudo da História, pois na minha opinião um filme desperta mais interesse do que um capítulo do livro, que eventualmente se torna secante e monótono, enquanto um filme pode ter sempre a atenção das pessoas que estão a visualizar.”*
- *“Sim. Porque para que nos consigamos lembrar é muito mais fácil ver o filme do que estudar pelo livro, pois pelo livro nem sempre nos lembramos daquilo que lá está”*
- *“Sim, aprende-se e consolida-se os conhecimentos de uma maneira diferente e mais divertida.”*
- *“Considero o filme um bom recurso para o estudo da História, porque em vez de estarmos sempre a procurar informações em livros e documentos escritos, podemos estar relaxados e apreciar um bom filme enquanto o nosso conhecimento da História é aprofundado.”*

Através da análise destes dados, conseguimos perceber que 30 – 97% – dos alunos das duas turmas considera vantajosa a utilização do filme como elemento para o estudo da disciplina. Isto porque, segundo a opinião dos mesmos, o cinema facilita a aquisição de novos conhecimentos em História de uma forma mais cativante, quando comparado com outros recursos. Por sua vez, possibilita a consolidação de conhecimentos teoricamente adquiridos, possibilitando a vantagem de imprimir uma vertente lúdica no processo de construção de conhecimentos em História.

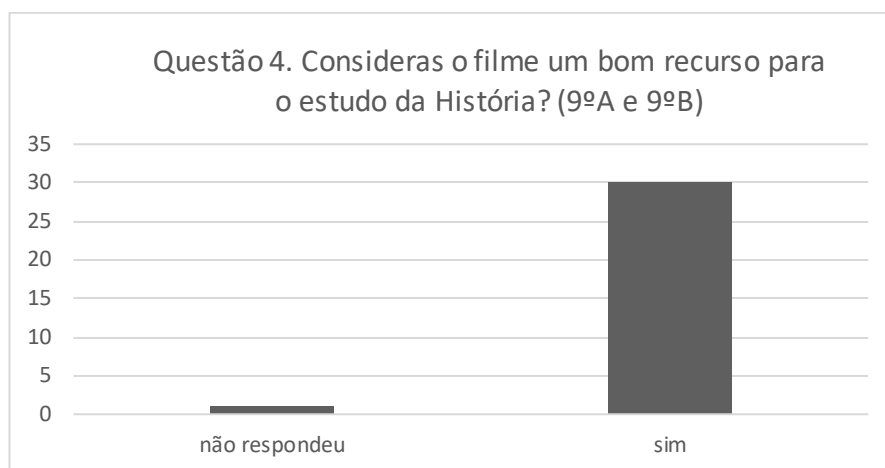


Gráfico 1 Respostas à questão 4 (História)

Grosso modo, através da análise dos dados recolhidos através do questionário conseguimos perceber, desde logo, que a utilização didática do Cinema nas aulas de História traduziu-se em variadas vantagens. Genericamente, a utilização do filme possibilitou a consolidação de conhecimentos previamente adquiridos, a aquisição de novos conhecimentos em História, ao mesmo tempo que constituiu um elemento de motivação no processo de construção do conhecimento. Por outro lado, os resultados demonstraram que a estratégia possibilitou a troca de ideias entre os discentes, o que se traduziu num maior aproveitamento do recurso. Ainda assim, alguns alunos, através das suas respostas, demonstram autonomia na análise do filme e na posterior realização do questionário, o que se traduziu num conjunto de testemunhos variados, espelhando a riqueza do recurso.

Verificamos no entanto que a utilização do filme *Good Bye Lenin* não se manifestou de forma igual nas duas turmas analisadas. Ainda que a diferença entre os resultados não seja muito acentuada, conseguimos perceber que o impacto não foi o mesmo no 9ºA e no 9ºB. A segunda turma demonstrou-se mais motivada e recetiva a esta tipologia de recursos, manifestando uma postura mais crítica e analítica perante o filme selecionado. Temos no entanto que referir, que a manifesta dificuldade evidenciada pelos discentes na expressão escrita pode constituir um fator limitativo na análise que é solicitada, influenciando os resultados que analisamos.

3.2. Em Geografia

Ao nível da disciplina de Geografia, o processo de recolha de dados foi similar ao que se sucedeu em História, contudo, a estratégia desenhada foi, em alguns aspetos, distinta. Tendo em conta a temática sobre a qual a sessão iria debruçar-se – A valorização ambiental em Portugal e a Política Ambiental Comunitária – pareceu indicado analisar o primeiro episódio do documentário *Portugal, um retrato ambiental* (2004), de Francisco Manso, por forma a introduzir a problemática em análise, bem como recuperar conteúdos anteriormente abordados que consideramos essenciais para a compreensão do tema a estudar.

Ao contrário do que aconteceu na disciplina de História, em Geografia a visualização do documentário escolhido ocupou apenas a primeira metade da aula, o que possibilitou que o questionário fosse respondido logo de seguida, por forma a potencializar o recurso e servir de mote à discussão em torno das prioridades da política ambiental na UE. Isto serviu de garantia que todos os questionários fossem entregues, exigindo, por parte dos alunos, um maior empenho na análise do documentário.

No dia em que se aplicou esta estratégia todos os alunos da turma do 11ºA estavam presentes, o que nos permitiu contar com 26 questionários para avaliar a pertinência da utilização do cinema nas aulas de geografia.

À semelhança do que aconteceu com a disciplina de História, também em Geografia pretendia-se avaliar, com a primeira questão – *O documentário Portugal, um retrato ambiental retrata as alterações sofridas nos últimos quarenta anos no que toca à realidade ambiental do nosso país. Quais as preocupações ambientais que te pareceram mais evidentes?* –, se os discentes conseguiam identificar, no documentário, as preocupações ambientais mais evidentes em Portugal. Com isto pretendia-se que aplicassem os conhecimentos que já haviam adquirido, ao mesmo tempo que se exigia uma análise crítica do recurso por forma a extrair o essencial para a compreensão da temática.

Perante esta questão, a grande maioria dos discentes listou as preocupações ambientais que lhe pareceram mais evidentes em vez de construir uma resposta

estruturada, como seria de esperar. Entendemos que esta realidade não se relaciona diretamente com o recurso em si, mas antes com a resistência demonstrada em escrever de forma estruturada. Ainda assim, os dados demonstram que uma parte significativa da turma conseguiu conjugar as informações do documentário com os conhecimentos prévios, apresentando de forma completa as preocupações ambientais mais abordadas na película.

Apenas uma aluna – 4% - não conseguiu identificar as preocupações ambientais mais focadas no documentário. Ainda assim, não deixou a questão em branco, manifestando empenho na concretização da tarefa. Os restantes membros da turma conseguiram realizar aquilo que era pretendido, de forma mais ou menos completa.

Cerca de 54% da turma – 14 alunos – conseguiram identificar os problemas ambientais mais focados no documentário. Segundo as respostas dadas, vemos que os alunos conseguiram identificar os principais problemas ambientais que marcaram Portugal na segunda metade do século XX. Por outro lado, alguns alunos não se limitaram a listar essas debilidades, referiram a postura dos órgãos políticos face a esta realidade. Vejamos alguns exemplos das respostas dadas.

- *“As preocupações mais evidentes são as emissões industriais, as construções civis, o desordenamento do território, a poluição, a poluição atmosférica e também sonora, a utilização de pesticidas na agricultura e os produtos tóxicos.”*
- *“A poluição, a falta de diversidade de culturas, o abandono dos campos e até mesmo a sua destruição; o uso abusivo de agroquímicos (poluição dos campos e águas); as refinarias petroquímicas; a urbanização crescente; a maior utilização do meio rodoviário (mais poluente que o ferroviário) e ainda a falta de planeamento das construções.”*
- *“O mar, que nunca recebeu a atenção necessária do Estado, a agricultura, que com o passar dos anos se tornou mais artificial e prejudicial ao solo, as indústrias que poluíam muito, nomeadamente as indústrias petrolíferas, a construção civil que promove o desordenamento do território e o uso excessivo do transporte privado, o que polui o ar devido à emissão de gases.”*

Os restantes 11 alunos – que constituem 42% da turma – apresentaram respostas que apesar de irem ao encontro do que havia solicitado, estão longe de esgotar os problemas refletidos no documentário. Ainda assim, demonstram ter relativo conhecimento sobre a temática e capacidade de conjugar os conhecimentos com a realidade tratada no documentário. Perante tal cenário, podemos afirmar que a visualização do documentário constituiu um momento de reflexão e de consolidação dos conhecimentos teóricos anteriormente adquiridos.

Perante a questão número 2 – *Quais os aspetos novos que o filme trouxe ao teu conhecimento sobre o ambiente e a política ambiental portuguesa?* – apenas uma aluna afirmou não ter adquirido novos conhecimentos sobre esta temática e um aluno não respondeu à questão.

Os restantes 24 alunos tentam elencar alguns aspetos que entendem ter tomado conhecimento com a visualização deste documentário, contudo, nem todos demonstram ter adquirido, na realidade, conhecimentos concretos, ou não conseguem sustentar de forma sólida a aquisição de novos conteúdos.

Apenas 11 alunos – 42% - dão exemplos concretos de aspetos que ficaram a saber após a visualização do documentário. Na sua grande maioria, afirmam que com este recurso ficaram a conhecer a génese da Política Ambiental Portuguesa, bem como a postura do poder central face aos problemas ambientais que assolavam Portugal. Outro dos aspetos mais referidos como tendo sido novidade, passa pelo impacto que a construção civil tem no meio ambiente.

- *“Que houve uma criação de programas e leis que levaram a uma proteção ambiental mais cuidadosa e desenvolvida. Outro aspeto principal foi a criação d’Os Verdes, que foram os impulsionadores de políticas ambientais.”*
- *“Com este filme pude observar que a política do nosso país sempre foi bastante inconstante no que toca ao ambiente e ganhei a perceção de que o ambiente é um fator bastante importante para a economia e para a motivação da população portuguesa.”*

- *O filme trouxe ao meu conhecimento que houve várias políticas ambientais em Portugal, mas algumas nem saíram do papel e que Portugal no início do seu auge da industrialização não se importava com o ambiente, porque só pensava na evolução industrial.”*

Tendo em conta a informação contida no documentário analisado e as respostas dadas pelos alunos, podemos ver que muitos aspetos de grande relevância não foram focados, o que por si só pode ser reflexo da postura da turma perante a estratégia apresentada. Nesse sentido, convém referir que no dia em que foi desenvolvida a estratégia a turma demonstrava preocupação relativamente a um teste que teriam no mesmo dia, o que pode explicar a desatenção generalizada demonstrada pelos alunos. Também não terá beneficiado o correto desenvolvimento da atividade o facto de terem recebido os testes de Geografia na mesma semana, que, de forma genérica, não foram ao encontro das expectativas dos discentes. Isto sem esquecer que nos encontrávamos na fase final do ano letivo, pelo que os alunos acusavam já algum cansaço. Tudo isto promoveu a agitação por parte da turma, que em determinados momentos se manifestou de forma inapropriada.

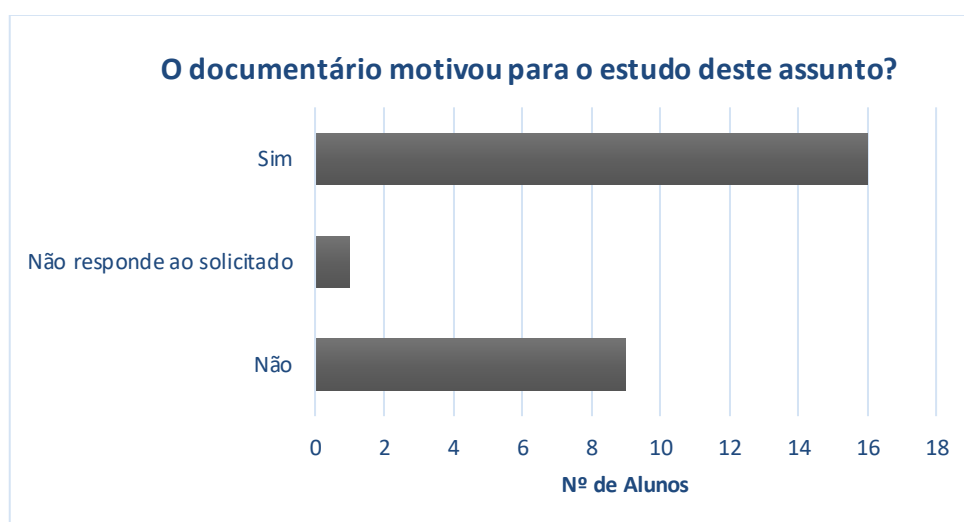


Gráfico 2 Respostas à questão 3 (Geografia)

Através da análise deste gráfico, que sintetiza as respostas dos alunos relativamente à questão número 3 – *Em que medida a visualização deste documentário te motivou para o estudo deste assunto?* –, conseguimos perceber que para 16 alunos – 62% – desta turma o documentário serviu como elemento de motivação para o estudo desta temática. A maioria dos discentes que afirma ter ficado com vontade de aprofundar o estudo em torno desta questão, justifica tal facto devido ao tema do próprio documentário. Apenas um referiu o impacto visual do documentário, como tendo sido o elemento motivacional da estratégia.

- *“É uma maneira diferente de alertar para o assunto, pois tem mais impacto nos alunos, devido às imagens mostradas e aos testemunhos apresentados.”*

Em contrapartida, uma parte significativa dos alunos, 9 – 35% – afirma não se ter sentido motivado pelo documentário. Os motivos mais focados pelos alunos centram-se essencialmente na duração do mesmo, que entendem ser muito extenso – 3 alunos – provocando distração na turma, e o desinteresse pelo assunto abordado. Uma aluna afirma ainda que a complexidade do filme dificultou a compreensão de alguns aspetos da situação ambiental em Portugal.

- *“Não me motivou muito porque não acho que tenha sido interessante ao ponto de me chamar a atenção para tal.”*
- *“O documentário não me motivou para o estudo na medida em que é muito extenso e não cria atração, pois ao longo de uns minutos torna-se cansativo e perde o interesse.”*
- *“Apesar do filme/documentário ter dado a conhecer alguns aspetos interessantes, não foi muito motivante, principalmente por ser muito extenso.”*
- *“Na minha opinião o documentário para além de não me ter motivado mais para o estudo deste assunto, ainda me desmotivou. Achei aborrecido e difícil de captar quais os aspetos mais importantes. Pareceu mais um documentário de história do que propriamente de Geografia.”*

Não conseguimos, através da análise desta questão, tirar ilações sobre a opinião dos discentes relativamente à utilização do cinema nas aulas de Geografia. Conseguimos no entanto, perceber que uma parte significativa da turma entende que filmes/documentários demasiado extensos não são didaticamente viáveis, promovendo a desconcentração e o desinteresse face ao tema estudado. Com isto, podemos também concluir que a análise de documentários na íntegra não é uma atividade frequente junto destes alunos, uma vez que demonstraram estranheza e até alguma resistência perante a estratégia proposta. O caráter expositivo do documentário apresentado pode ter constituído um fator de grande influencia na avaliação que fizeram do mesmo. Por sua vez, tendo por base os testemunhos recolhidos, entendemos que talvez tivesse sido mais rentável se o visionamento do documentário fosse acompanhado de um pequeno guião/questionário, por forma a promover a participação.

Será interessante comparar as respostas anteriormente analisadas com a avaliação que é feita, pelos alunos, sobre a pertinência da utilização desta tipologia de recursos nas aulas de Geografia. Com a última questão – *Consideras o documentário/filme um bom recurso para o estudo da Geografia? Porquê?* – percebemos que nenhum aluno referiu que o documentário/filme é um mau recurso para o estudo da Geografia. Dos 26 alunos inquiridos apenas um contorna a questão e não reponde ao que é solicitado, os restantes afirmam que o documentário é um bom recurso para ser utilizado no estudo da Geografia.

Convém, no entanto, fazer uma análise das respostas dadas, uma vez que dos 25 alunos que confirmam a utilidade do Cinema como fonte de recursos para o estudo da Geografia, alguns apresentam algumas reticências na sua afirmação.

Cerca de 54% do total dos discentes desta turma – 14 alunos – afirma de forma categórica que o documentário/filme é um bom auxiliar no estudo desta disciplina. Entendem que as aulas construídas em torno destes materiais são mais dinâmicas e interessantes, promovendo uma maior concentração por parte dos alunos. Alguns são os que referem a análise de documentários e filmes como momentos de aprofundamento e clarificação de conceitos abordados do ponto de vista teórico. Vejamos algumas das respostas recolhidas.

- *“Sim, considero o documentário/filme um bom recurso para o estudo da Geografia porque desperta uma maior atenção e concentração para o estudo da Geografia.”*
- *“Considero sim o documentário um bom recurso para o estudo da Geografia, pois tem vários conceitos das matérias abordadas nas aulas e tornam-se mais interessantes e dinâmicas do que estar a ler o manual ou ouvir o professor.”*
- *“Considero um recurso interessante pois através de documentários são-nos mostrados aspetos importantes da matéria que estudamos, com o auxílio de imagens exatas do problema em questão.”*

Conseguimos perceber, através destas respostas, que apesar da estratégia desenvolvida em torno do documentário *Portugal, um retrato ambiental* não ter sido muito motivadora, os alunos estão abertos à utilização destes instrumentos nas aulas de Geografia.

Os restantes 11 alunos – 43% – apesar de responderem afirmativamente à interrogação levantada, fazem-no de forma mais cautelosa. As justificações dadas vão ao encontro do que afirmaram na questão anterior, ou seja, que visualização de documentários longos deveria ser evitada, ou pelo menos deveriam ser feitas paragens por forma a não promover desatenção na turma.

- *“De forma geral, considero os documentários e os filmes um bom recurso para o estudo da Geografia, mas sou da opinião que se deve optar por exhibir à turma vídeos mais curtos, pois os demasiado longos tornam-se cansativos e vão perdendo o interesse.”*
- *“Sim, porque é uma maneira diferente e mais didática de dar as aulas, se bem que se o documentário for muito extenso pode tornar-se desinteressante e um motivo de distração por parte dos alunos. Mas de modo geral considero uma boa forma e um bom recurso para as aulas.”*

- “Considero que é um bom recurso se for um documentário curto e com informação direta, porém se for maior torna-se mais cansativo e perde-se o interesse.”

Ainda assim, não resta dúvida que o filme/documentário é visto, por estes alunos, como uma boa alternativa à exposição teórica, contribuindo, desta forma, para aulas mais dinâmicas e interessantes. Referem ainda que estes recursos potenciam a aquisição de novos conteúdos, bem como clarificam conceitos que por vezes apresentam um elevado grau de complexidade.

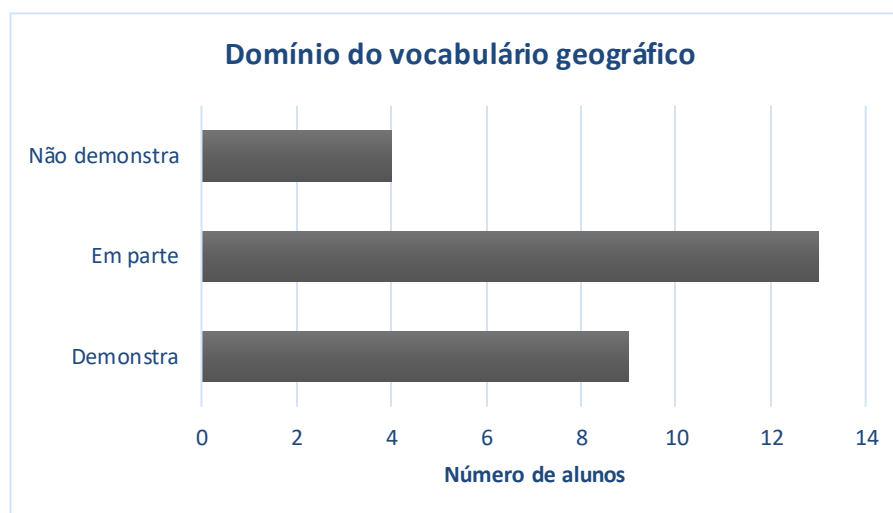


Gráfico 3 Domínio do vocabulário geográfico

A análise do conteúdo das respostas dadas possibilita-nos, para além de avaliar o papel do filme e documentário enquanto elemento motivacional, consolidador e promotor da aquisição de novas aprendizagens, perceber de que forma este recurso potencia a utilização de linguagem adequada na disciplina de Geografia. Ou seja, conseguimos perceber se a visualização e análise destes documentos promove a utilização do vocabulário geográfico por parte dos alunos (Gráfico 3).

Através da análise da totalidade das respostas, conseguimos perceber que 4 alunos – cerca de 15% da totalidade da turma - apresentam graves dificuldades em aplicar os

conceitos geográficos, já apreendidos, à realidade representada no documentário. Isto poderá estar diretamente relacionado com a tipologia de recurso selecionado ou então com o pouco domínio dos conteúdos, por parte dos alunos.

Por sua vez, 13 alunos desta turma – 50% – apresentam respostas relativamente bem estruturadas que não comprometem a compreensão da mensagem que pretendem passar. Ainda assim, esta metade da turma demonstra alguma debilidade no domínio do vocabulário geográfico, o que pode ser um fator limitativo tanto na análise do recurso, como no posterior registo das conclusões obtidas.

Por fim, apenas 9 alunos – 35% – conseguem apresentar respostas que demonstrem um bom domínio do vocabulário geográfico. Estes discentes conseguem apresentar uma boa análise do documentário, articulando as informações retiradas do recurso com os conceitos anteriormente aprendidos.

Em síntese, conseguimos perceber, através da análise das respostas dadas pelos alunos das três turmas, que o filme e documentário selecionados possibilitaram aos discentes destacarem-se enquanto figuras centrais na construção do seu próprio conhecimento. De forma geral, os alunos mostraram-se capazes de aplicar conhecimentos anteriormente adquiridos à realidade abordada pelos recursos potencializados, bem como analisar a narrativa apresentada por forma a consolidar os seus conhecimentos sobre as temáticas abordadas. Por sua vez, os alunos não foram unânimes quanto à avaliação que fizeram sobre o carácter motivacional do documentário e do filme analisados, ao contrário do que aconteceu quando questionados sobre a pertinência da utilização do filme/documentário no estudo da História e Geografia, que entendem como sendo uma estratégia muito motivadora e interessante.

Considerações finais

No início deste trabalho propusemos averiguar a pertinência didática da utilização do cinema em contexto de sala de aula, por forma a refletir sobre o papel do filme enquanto recurso a potencializar no processo de ensino-aprendizagem. Pretendíamos, grosso modo, perceber se a apropriação do discurso cinematográfico, por parte das disciplinas de História e Geografia, se refletia no desenvolvimento intelectual dos discentes, motivando-os a integrar de forma ativa no processo de construção do seu próprio conhecimento.

Para tal, sentimos a necessidade de refletir o Cinema na sua totalidade, enquanto expressão artística, que se aproveita do poder da imagem por forma a representar a realidade apreendida pelo realizador, enquanto ciência *“na medida em que expressa uma visão artística de uma realidade sensível que pode ser usada para a compreensão mais detalhada de um determinado tempo, espaço e contexto”* (Reigada, 2013: 333) e enquanto estratégia didática, pensada por forma a premiar o desenvolvimento de competências complexas junto dos discentes, bem como a incentivar o envolvimento reflexivo do aluno na procura por novos conhecimentos. Para além disto, tentamos esboçar, através da análise de literatura dedicada a esta temática, a relação entre o Cinema e a História e Geografia, tanto do ponto de vista epistemológico como pedagógico. Entendemos que tal reflexão deverá constituir uma preocupação por parte do docente perante o cenário de apropriação deste recurso em contexto de sala de aula.

Continuamos convictos de que a utilização da narrativa cinematográfica, enquanto estratégia didática, poderá enriquecer a vários níveis a busca pelo conhecimento nas disciplinas de História e Geografia. Sustentamos tal opinião tendo em conta o caráter comunicativo, motivacional e ainda o dinamismo que imprime às estratégias que, em muitos casos, pecam pela falta de diversidade e originalidade. Contudo, a instrumentalização do filme implica um grande esforço reflexivo, não só pelo aluno no momento da sua análise, mas sobretudo pelo docente, que deverá clarificar ao máximo os objetivos que se pretendem atingir, integrando de forma lógica esta tipologia de recursos

na totalidade das estratégias montadas. Em momento algum o docente pode destituir-se das suas funções, baseado na crença que o filme, por si só, constitui um elemento regulador do processo de aprendizagem.

Foi dentro desta perspectiva que desenvolvemos o estudo de caso relatado. A seleção e potencialização do filme e documentário analisados tiveram em conta estas premissas, que entendemos como fundamentais para a correta utilização do Cinema no contexto em questão. Convém ainda referir que, da mesma forma que consideramos fundamental o docente cumprir o seu papel enquanto mediador e regulador de todo o processo de aprendizagem, entendemos que a relação estabelecida entre o cinema e o ensino da História e Geografia deve privilegiar a afirmação do papel do aluno enquanto ator principal na procura e construção do seu conhecimento.

Retomemos a ideia desenvolvida anteriormente e que coloca a tónica sobre a necessidade de construção de estratégias de aprendizagem pertinentes e verdadeiramente direccionadas para a realidade dos jovens em formação. Os dados recolhidos junto das três turmas com que desenvolvemos este estudo permitem-nos reforçar a ideia de que a utilização do cinema, em contexto didático, possibilita uma aproximação entre os discentes e aquilo que se faz na sala de aula. Na sua globalidade, os alunos manifestaram o seu agrado perante a rentabilização de materiais desta natureza, ao mesmo tempo que não se inibiram de participar de forma crítica e consciente na construção do seu próprio conhecimento. O empenho demonstrado na resposta aos questionários, assim como na realização de outras tarefas ligadas ao cinema (construção de cartazes) permite-nos retirar algumas ilações sobre a postura e a predisposição dos discentes perante o desenvolvimento de atividades em torno da narrativa cinematográfica. Tudo isto serve apenas para reforçar a ideia de que, efetivamente, a visualização e interpretação de filmes – escolhidos com critério – motiva os discentes, ao mesmo tempo que possibilita o desenvolvimento de competências críticas e reflexivas, tanto na disciplina de História e Geografia.

Ainda assim, neste momento de reflexão em torno do trabalho desenvolvido, entendemos que determinados aspetos deveriam ter sido ponderados por forma a rentabilizar de maneira mais proveitosa as vantagens didáticas que o cinema nos oferece.

Alguns alunos entenderam que a estratégia montada em torno do documentário *Portugal, um retrato ambiental* não constituiu um momento particularmente motivante para o estudo dos conteúdos abordados. Tal como vimos anteriormente, apontam a duração do documentário como um fator de desmotivação, ainda que, de forma genérica, considerem que a utilização didática de filmes e documentários se traduza em aulas mais interessantes e dinâmicas. Percebemos agora que tal poderia ter sido contornado através do lançamento *à priori* de questões que servissem de orientação para análise de filmes, ou então ter privilegiado um análise segmentada do documentário, uma vez que os discentes claramente assumiram a sua inexperiência em atividades desta natureza. Desta forma conseguiríamos colmatar algumas fragilidades no que toca à dispersão dos alunos relativamente aos conteúdos abordados.

Ainda assim, o resultado das atividades desenvolvidas no âmbito da averiguação do papel do filme enquanto recurso didático possibilita-nos reiterar o pré-conceito com que iniciamos este projeto, ou seja, que a utilização didática do filme/documentário, no ensino da História e Geografia, poderá resultar em estratégias didáticas interessantes e promotoras de aprendizagens significativas. Por sua vez, percebemos agora que muito já se tem feito, no campo da didática, para que a narrativa audiovisual, nomeadamente a linguagem cinéfila, se torne uma realidade próxima dos alunos, por forma a incentivá-los a ver para além do que está na imagem.

Indo ao encontro desta teoria, vimos já anteriormente que o Plano Nacional de Cinema tem vindo a apostar num programa de literacia cinematográfica junto das escolas. Este projeto pressupõe o desenvolvimento, junto dos alunos e professores, de competências fundamentais para a análise e crítica da narrativa cinematográfica. Pretende-se, grosso modo, que os alunos adquiram conhecimentos ao nível da linguagem cinematográfica, ao mesmo tempo que se promove o gosto pela visualização de filmes. Tudo isto se materializa num conjunto de atividades que tentam promover o papel do Cinema enquanto arte e não como elemento apropriado pelos docentes ao serviço das suas áreas disciplinares. Ainda assim, entendemos que o facto deste projeto se desenvolver no território escolar, deverá ser entendido como mais um contributo para a introdução da 7ª Arte no contexto da formação global dos jovens. Isto não implica a

desvalorização do cinema enquanto arte detentora de uma linguagem própria, mas sim a valorização das potencialidades artísticas e até científicas da narrativa cinematográfica ao serviço da formação de indivíduos conscientes e interessados em intervir ativamente no mundo em que se encontram.

Partindo da realidade do contexto em que foi desenvolvido este trabalho, entendemos que o PNC deverá ser encarado, pelas escolas que integram o projeto, como um pretexto para a afirmação de um ensino verdadeiramente multidisciplinar, onde todos os esforços são direcionados para o desenvolvimento das competências dos alunos em torno desta manifestação artística. Nesse sentido, será fundamental instruir os docentes, não só os de História e Geografia, para a correta abordagem da linguagem cinematográfica, visando uma análise coerente dos filmes e a verdadeira valorização desta arte que se afirma como um instrumento valioso ao serviço da educação.

Concluímos este trabalho cientes que a utilização didática do cinema, no que diz respeito às áreas disciplinares de História e Geografia, se traduz em resultados manifestamente positivos, tendo por referência a investigação teórica realizada e o trabalho prático desenvolvido. Não acreditamos, à semelhança do que afirmava Thomas Edison, que o filme substituirá o espaço do livro no que à didática diz respeito. Entendemos antes, que passa pela diversidade de estratégias e de recursos didáticos o sucesso do processo de ensino aprendizagem, onde o filme – nos seus vários estilos – constitui um instrumento de comunicação fundamental e possibilita a análise do mundo sobre várias perspetivas, o que se traduz num desenvolvimento integral do aluno.

Referências bibliográficas

Alves, Luís Alberto (2014). “Contextualização histórica e perspetiva do projeto”. In “Aprender del cine: narrativa y didáctica” (7). Madrid: Icono 14.

Breu, Ramon (2010). “El documental como estratégia educativa”. Barcelona: Editorial GRAÓ.

Castro, Fátima Velez de & Fernandes João Luís. “Territórios do Cinema. Representações e paisagens da Pós-Modernidade”. EUMED – Universidade de Málaga

DGE (2013). “Plano Nacional de Cinema”. Disponível em : <http://www.dge.mec.pt/plano-nacional-de-cinema>

ESJGZ (2015). “Projeto educativo 2014-2018”. Consultado em 20.07.2016. Disponível em: http://www.zarco.pt/site/docs/docs_orienta/pe_14_18.pdf

Febvre, Lucien (1989). “Combates pela História”. Lisboa: Editorial Presença.

Fernandes, Domingos (2009). “A importância das escolas”. “A página da educação”. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=522&doc=13523&mid=2>

Ferro, Marc. (1992). “O filme, uma contra-análise da sociedade?” In. “Cinema e História”. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 79-115.

Garcia, Álvaro Perez & Ruíz, Daniel Muñoz (2014). “Análisis didactico de narrativa audiovisual”. In “Aprender del cine: narrativa y didáctica” (7). Madrid: Icono 14. 111-148

IGEC. (2011). “Avaliação externa das escolas. Relatório Escola Secundária João Gonçalves Zarco”. *Ministério da Educação*. Consultado em 20.07.2016. Disponível em: http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2012_Norte/AEE_12_ES_Joao_Zarco_R.pdf

Martins, Felisbela (2013). “Ensinar geografia para a compreensão da dinamização das áreas rurais em mudança. The Overarching Issues of the European Space”. Ed. Faculdade Letras Universidade do Porto. 375-387

Martins, Felisbela (2014). “Ensinar geografia através de imagens: olhares e práticas”. In “Grandes problemáticas do espaço europeu: diversidade territorial e oportunidades de desenvolvimento num cenário de crise”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 429-446.

ME-DEB (1999). “Programa de História: Plano de organização do Ensino Aprendizagem”. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

ME-DES (2001). “Programa de Geografia A”. Lisboa: Departamento do Ensino Secundário

MEC-DEB (2013). “Metas curriculares de História”. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Napolitano, Marcos (2011). “A História depois do papel”. In. PINSKY, Carla Bessanezi (org.). “Fontes Históricas”. São Paulo: Editora Contexto. 235-290.

NIZA, Sérgio (2012). “Escritos sobre educação”. Lisboa: Tinta-da-China

Nóvoa, Jorge (1995). “Apologia da relação cinema-história”. Revista eletrónica “O Olho da História” [em linha]. N° 1. Disponível em: <http://oohodahistoria.ufba.br/01apolog.html>

PNC (2014-2015). “Plano Nacional de Cinema, relatório de execução”. Consultado em 15.08.2016. Disponível em: http://ica-ip.pt/fotos/downloads/relatorio_execucao_pnc_2014_15_versao_final_aprovada_47508146563115aea124a.pdf

Quivy, Raymond & Campenhoudt (2005). “Manual de investigação em Ciências Sociais”. Lisboa: Gradiva.

Reigada, Tiago dos Santos (2013). “Ensinar com a Sétima Arte: O espaço do cinema na Didática da História”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ribeiro, Cláudia & Alves, Luís Alberto (2014). “Uso do Cinema na didática da história: do cinema educativo ao cinema didático”. In “Aprender del cine: narrativa y didáctica” (7). Madrid: Icono 14. 149-177

Rosenstone, Robert A. (2010). “A história nos Filmes, os Filmes na História”. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Sánchez, Enrique Martínez-Salanova (2003). “El valor del cine para aprender y enseñar”. In “Comunicar, Revista Científica de Comunicación y Educación”, 20. Madrid:

Comunicar Ediciones. 45-52.

Seabra, Jorge (2016). “O espaço fílmico entre a metáfora e a realidade”. In Castro, Fátima Velez de & Fernandes João Luís. “Territórios do Cinema. Representações e paisagens da Pós-Modernidade”. EUMED – Universidade de Málaga.

Vall, Enric Pla & Fuentes, Katia Torrent (2012). “El Cine, un recurso didáctico”. Madrid: Instituto Nacional de Tecnologías Educativas y de Formación del Profesorado.

Anexos

Anexo 1 – Planos de aula de História (Diagnóstico de Sensibilização)



Domínio II Da Grande Depressão à II Guerra Mundial

Data: 4 de Abril de 2016
Duração: 50 minutos

Subdomínio II.B A II Guerra Mundial: violência e reconstrução

Sumário: A política expansionista dos regimes fascistas e o início da II Guerra Mundial.

Situação-problema: "O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios."

Charlie Chaplin, 1940

Questões orientadoras:

- De que forma a política expansionista dos regimes fascistas fez eclodir a II Guerra Mundial?
- Quais foram as principais fases da II Guerra Mundial?

Metas Curriculares		Estratégias de Aprendizagem	Avaliação
Conteúdos/Conceitos	Objetivos Gerais/Descritores		
Regimes ditatoriais Imperialismo Expansionismo (espaço vital)	Relacionar a política expansionista dos regimes fascistas com o eclodir da 2ª Guerra Mundial.	<p>O início da aula será dedicado à reflexão em torno da importância do cinema enquanto veículo de afirmação política e recurso para o labor histórico. Esta introdução visa o esclarecimento dos discentes sobre a estratégia pensada para a abordagem do subdomínio "A II Guerra Mundial: violência e reconstrução". (5 minutos)</p> <p>Por forma a recuperar os conteúdos anteriormente abordados, será analisado um mapa d'A Europa política nas vésperas da II Guerra Mundial". Pretende-se que os alunos tomem consciência dos limites políticos de cada país antes do movimento expansionista levado a cabo pelos regimes autoritários. (5 minutos)</p> <p>Análise de um excerto do filme/documentário <i>O triunfo da vontade</i>, da cineasta Leni Riefenstahl. Pretende-se, com este pequeno vídeo, que os alunos analisem o discurso proferido por Hitler no 6º congresso do Partido Nazi, em Nuremberga. Tem-se como objetivo relembrar os ideais subjacentes ao regime Nazi, por um lado, e por outro perceber qual a importância do cinema na proliferação dos ideais em análise.</p> <p>Com o mesmo objetivo, será visualizado e analisado um excerto do filme <i>O Grande Ditador</i>, de Charlie Chaplin. O clip selecionado constitui uma das cenas</p>	<p>Avaliação por observação direta.</p>

**Pacto de Munique
Pacto germano-
soviético
Guerra-relâmpago
Batalha de Inglaterra**

**Explicitar o avanço
das forças do Eixo
entre 1939 e 1941,
salientando os países
ocupados, a
resistência britânica
e os países neutrais.**

finais do filme, onde os ideais democráticos são defendidos e se levantam sérias críticas às opções totalitárias.

Visualizados os dois vídeos, pretende-se que os alunos percebam, com um exemplo concreto, a força do cinema enquanto arma política, ao mesmo tempo que recordam conceitos fundamentais para entender o eclodir da II Guerra Mundial. (20 minutos)

Análise de dois mapas ilustrativos da política expansionista japonesa e alemã, até ao ano de 1939. Pretende-se perceber as alterações territoriais resultantes das políticas autoritárias, assentes no expansionismo. Para além disto, pretende-se começar a perceber as alianças políticas celebradas entre as potências que formariam o Eixo. Análise de outro excerto do filme *O Grande Ditador*, onde o realizador levanta críticas à relação entre Hynkel (Hitler) e Napolini (Mussolini), bem como à encenação do poder encetada pelos regimes autoritários. (7 minutos)

Analisadas as ambições expansionistas dos regimes totalitários, os alunos serão questionados sobre a estranha passividade dos regimes ocidentais perante os abusos territoriais das forças anteriormente abordadas. Nesta sequência, será abordada a questão do Pacto de Munique a tentativa, dos países democráticos, de impedirem que um conflito internacional surgisse. (5 minutos)

O momento final da aula será dedicado à reflexão em torno do despoletar do conflito entre nações, bem como à introdução do estudo das principais fases da II Guerra Mundial. Será dada uma maior relevância à guerra-relâmpago, bem como à decisiva batalha de Inglaterra. (7 minutos)

Bibliografia:

HOBSBAWM, Eric. A Era Dos Extremos. História breve do século XX. Lisboa: Editorial Presença, 2007;

DINIZ, Maria Emília, TAVARES, Adérito, CALDEIRA, Arlindo M. HENRIQUES, Raquel P. História nove. Lisboa: Raiz Editora, 2015.

COUTO, Célia Pinto; ROSAS, Maria Antónia Monterroso. Um novo tempo da História (parte 1). Porto: Porto Editora, 2015.



Plano de aula
História 9º ano
 2015/2016

Domínio II Da Grande Depressão à II Guerra Mundial

Subdomínio II.B A II Guerra Mundial: violência e reconstrução

Data: 6 de Abril de 2016
 Duração: 50 minutos

Sumário: A mundialização do conflito.

Situação-problema: "O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém extraviamo-nos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios."

Charlie Chaplin, 1940

Questões orientadoras:

- Quais foram as principais fases da II Guerra Mundial?
- Qual a importância da entrada de URSS e dos EUA na II Guerra Mundial?

Metas Curriculares

Estratégias de Aprendizagem

Avaliação

Conteúdos/Conceitos

**Objetivos
Gerais/Descritores**

Guerra-relâmpago

**Explicitar o avanço das
forças do Eixo entre 1939
e 1941, salientando os**

No primeiro momento da aula pretende-se continuar a abordagem da política expansionista alemã, destacando o episódio da invasão da Polónia e o consequente despoletar do conflito mundial. Neste sentido, será iniciado o estudo da primeira fase da 2ª Guerra mundial – guerra-relâmpago – com o objetivo de perceber os avanços obtidos pelas forças do Eixo, colocando em destaque a Alemanha hitleriana. (10 minutos)

Batalha de Inglaterra	países ocupados, a resistência britânica e os países neutrais.	Leitura e interpretação do discurso proferido por Winston Churchill, em 1940, por forma a perceber a postura do Reino Unido face ao expansionismo agressivo da Alemanha Nazi. O objetivo é que os alunos compreendam o papel da Inglaterra como foco de resistência numa Europa que já se encontrava praticamente toda subjugada ao imperialismo alemão. No seguimento disto, será analisada a batalha de Inglaterra (1940) como tendo sido um momento decisivo no contexto da 2ª Guerra Mundial. (10 minutos)	Avaliação por observação direta.
Pacto germano-soviético	Explicar as razões e importância da entrada da URSS e dos EUA na 2ª Guerra Mundial.	Reflexão conjunta em torno do rompimento do Pacto germano-soviético (1941), por parte da Alemanha, visando perceber a entrada da URSS no conflito mundial e a importância que tal acontecimento teve para o decorrer do conflito. (5 minutos)	
Ataque a Pearl Harbor		Visualização e análise de excertos do filme <i>Pearl Harbor</i> . Pretende-se que os alunos tomem consciência dos fatores que explicam a entrada dos EUA no conflito, bem como a sua consequente mundialização. Para tal, a análise deste recurso será suportada por um conjunto de breves questões direcionadas para os conteúdos referidos. (15 minutos) *	
Guerra no Mediterrâneo Eisenhower Libertação da Itália		Abordagem teórica da guerra no mediterrâneo. O objetivo passa por perceber de que forma o conflito se alastrou a esta região do globo, bem como o interesse manifestado, pelos blocos, em confronto em dominar territórios africanos. Será ainda abordado o papel de Eisenhower no processo de libertação da Itália. (5 minutos)	Avaliação por observação direta.
"General Inverno"		Se possível, no final da aula será analisado o desempenho das forças alemãs na frente oriental (1943). Pretende-se que os alunos tomem consciência do significado deste acontecimento para aquele que seria o desfecho da Alemanha Nazi e da própria guerra. (5 minutos)	



Plano de aula
História 9º ano
 2015/2016

Domínio II Da Grande Depressão à II Guerra Mundial

Data: 11 de Abril de 2016
 Duração: 50 minutos

Subdomínio II.B A II Guerra Mundial: violência e reconstrução

Sumário: O desfecho da II Guerra Mundial.
 O balanço do conflito.

Situação-problema: “O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém extraviamos-nos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios.”

Charlie Chaplin, 1940

Questões orientadoras:

- Quais as principais consequências da guerra?

Metas Curriculares

Estratégias de Aprendizagem

Avaliação

Conteúdos/Conceitos

Objetivos Gerais/Descritores

Guerra no Mediterrâneo
Eisenhower
Libertação da Itália

Análise de um mapa sobre a guerra na Europa, no período compreendido entre 1943 e 1945. Pretende-se perceber de que forma a ofensiva das potências dos Aliados potenciou a libertação da Europa face ao imperialismo levado a cabo pelos regimes autoritários. (5 minutos)

Abordagem teórica da guerra no mediterrâneo. O objetivo passa por perceber de que forma o conflito se alastrou a esta região do globo, bem como o interesse manifestado, pelos blocos em confronto, em

Dia D Derrota da Alemanha	Referir sucintamente os principais acontecimentos que estiveram na origem da capitulação italiana, alemã e japonesa;	dominar territórios africanos. Será ainda abordado o papel de Eisenhower no processo de libertação da Itália. (5 minutos)	Avaliação por observação direta.
Batalha de Guadalcanal Kamikaze Bombardeamento atômico Capitulação do Japão	Referir as perdas humanas e materiais provocadas pela 2ª Guerra Mundial.	Visualização de um excerto do filme Saving Private Ryan (1998), de Steven Spielberg. Com este recurso será analisado a libertação do território francês, pelas tropas aliadas, dando particular destaque ao dia 6 de junho de 1944 (dia D). Este vídeo servirá de mote à reflexão em torno dos acontecimentos que se encontram na base da derrota alemã, assim como das restantes potências do Eixo. (15 minutos)	
Perdas humanas e materiais		Por forma a perceber o acontecimento que explica a capitulação do Japão, será promovida a leitura e interpretação do testemunho de um médico que assistiu à explosão da bomba atômica em Nagasaki e relata o caos que se viveu nessa cidade. Com o mesmo objetivo, será analisado um excerto de noticiário que mostra os efeitos da bomba atômica em Hiroxima. O objetivo passa também por perceber o impacto do conflito, dando espaço à análise dos custos implicados na 2ª Guerra Mundial. (10 minutos)	Avaliação por observação direta.
Conferência de Ialta Conferência de Potsdam	Identificar as principais alterações provocadas no mapa político mundial.	Uma vez analisadas todas as principais fases da 2ª Guerra mundial, serão analisados os custos deste conflito, por forma a fazer-se um balanço do mesmo. Nesse sentido serão analisados gráficos ilustrativos das perdas e humanas e materiais sofridas pelas potências em confronto. (10 minutos)	
		Leitura e interpretação do comunicado final dos Acordos de Ialta (1945). Pretende-se perceber quais as medidas tomadas no período pós-guerra, bem como perceber as alterações introduzidas naquele que viria a ser o novo mapa político mundial. Pretende-se que os alunos tomem consciência que alterações introduzidas foram fundamentais para o desencadear de uma nova ordem internacional, como estudaram posteriormente. (5 minutos)	

Anexo 2 – Planos de aula de Geografia (Diagnóstico de Sensibilização)



Plano de aula
Geografia A 11º ano
2015/2016

Escola Secundária João Gonçalves Zarco

Ano: 11º

Turma: A

Data: 11/12 de Novembro

Duração: 50 +50 minutos

Sumário:

- **Política Agrícola Comum (PAC): Motivações e objetivos.**
- **Impacto da primeira fase da PAC e necessidade de adaptação**

Intenções específicas

Saber	Saber - fazer	Saber – ser
<p>Compreender a situação do setor agrícola na Europa do pós segunda guerra mundial;</p> <p>Identificar os objetivos apontados para a instituição de uma política comunitária em torno do setor agrícola;</p> <p>Compreender a importância do setor agrícola para o desenvolvimento da economia;</p> <p>Perceber os efeitos da implantação da primeira fase da PAC (aspectos positivos e negativos)</p>	<p>Saber expressar-se geograficamente;</p> <p>Saber ler e interpretar informação;</p>	<p>Estar atento;</p> <p>Seguir normas e tarefas;</p> <p>Partilhar ideias com os restantes membros do grupo turma;</p> <p>Escutar os outros;</p>

Temáticas	Procedimentais	Atitudinais
<p>Política Agrícola Comum.</p> <p>Tratado de Roma:</p> <p>Comunidade Europeia</p> <p>Mercado comum</p> <p>Conferência de Stresa:</p> <p>Unicidade do mercado</p> <p>Preferência comunitária</p> <p>Solidariedade financeira</p> <p>FEOGA</p> <p>Orientação</p> <p>Garantia</p> <p>Autossuficiência</p>	<p>Expressão verbal geográfica oral e escrita;</p> <p>Leitura e interpretação de gráficos, dados estatísticos e imagens (vídeos);</p>	<p>Atenção</p> <p>Empenho</p> <p>Autonomia</p> <p>Reflexão</p>

Momentos didáticos

1º Introdução da temática. Análise de um cartaz comemorativo dos 50 anos da Política Agrícola Comum, tendo como principal objetivo o esclarecimento do tema em análise. **(5 minutos)**

2º Análise da situação em que se encontrava o setor agrícola no período que antecede a implementação das primeiras medidas da Política Agrícola Comum. **(10 minutos)**

3º Visualização de um excerto do vídeo: PAC: Continuidade e mudança. Reflexão em torno das questões levantadas pelo vídeo e abordagem dos primeiros conceitos da temática. **(5 minutos)**

4º Análise dos dois primeiros artigos do Tratado de Roma (1957). Pretende-se com isto identificar e refletir em torno dos princípios que serviram de base à constituição da CEE. **(5 minutos)**

5º Breve abordagem dos fundamentos da comunidade, tendo como objetivo a análise dos princípios entendidos como fundamentais para o desenvolvimento do setor agrícola. Neste sentido, será solicitado aos alunos a leitura e interpretação dos artigos 38º e 39º do Tratado de Roma, por forma a identificarem os objetivos que se encontram na base da PAC. Este trabalho será realizado individualmente e por escrito, para posterior partilha e discussão em torno dos resultados obtidos. **(20 minutos)**

6º Análise de um quadro representativo da evolução do setor agrícola na economia da CEE e UE. **(5 minutos)**

7º Reflexão em torno dos princípios fundamentais da Política Agrícola Comum definidos em 1959 na Conferência de Stresa. **(15 minutos)**

8º Análise das competências do Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola (FEOGA) **(10 minutos)**

9º Análise de um gráfico sobre a evolução da armazenagem pública de cereais no período compreendido entre 1968 e 1990 **(7 minutos)**

10º Análise de um gráfico sobre Evolução da autossuficiência relativamente aos cereais, açúcar, manteiga e carne de bovino na União Europeia. Com isto pretende-se que os alunos percebam os efeitos causados pelas primeiras medidas da política comunitária. **(7 minutos)**

11º Análise de um gráfico ilustrativo da evolução das despesas da PAC no período entre o ano de 1980 e 1990. Pretende-se, mais uma vez, perceber os efeitos causados pelas medidas adotadas durante a “PAC original”. **(6 minutos)**

12º O último momento da aula será dedicado a uma reflexão conjunta em torno dos efeitos causados pelas medidas adotadas na primeira fase da Política Agrícola Comum. Tendo em conta isto, pretende-se introduzir a questão da necessidade de adaptação, que levaria à primeira reforma da PAC. **(5 minutos)**

Recursos

Cartaz comemorativo dos 50 anos da PAC.

Vídeo: PAC: continuidade e mudança

Tratado de Roma

Quadro sobre a evolução da importância relativa do setor agrícola na economia da Comunidade Económica Europeia (CEE) e da União Europeia (UE)

Gráfico sobre a evolução da armazenagem pública de cereais

Gráfico sobre a evolução da autossuficiência relativamente aos cereais, açúcar, manteiga e carne de bovino na União Europeia

Gráfico sobre a evolução das despesas da PAC

Avaliação

- Avaliação atitudinal e procedimental por observação direta.

Bibliografia e outras observações

CUNHA, Arlindo. *A Política Agrícola Comum e o futuro do mundo rural*. Lisboa, Plátano . 2000

FERNANDES, Hugo Blasco. *A Política Agrícola Comum (CEE) e a agricultura portuguesa*. Lisboa, Editorial Estampa. 1983

LOPES, António; CARVALHO, Marco. *Horizontes*. Porto, Porto Editora, 2008

QUEIRÓS, Adelaide; LOPES, António; PINHO, Hélio. *Descobrir Portugal*. Porto, Porto Editora, 2014

O 5º momento da aula consiste na análise de dois artigos do Tratado de Roma (38º e 39º), visando a identificação dos objetivos apontados para a PAC. Esta opção foi tomada no sentido de tornar os alunos ativos na sequência da aula e não centrar o discurso somente no docente.



Plano de aula
Geografia A 11º ano
2015/2016

Escola Secundária João Gonçalves Zarco

Ano: 11º

Turma: A

Data: 2 de maio

Duração: 100 minutos

Sumário:

- **A mobilidade da população: desafio à sustentabilidade.**

Intenções específicas

Saber	Saber - fazer	Saber – ser
Perceber as implicações do uso de transportes e das Tecnologias de Informação e Comunicação na qualidade de vida da população	<p>Saber expressar-se geograficamente</p> <p>Saber ler e interpretar informação de carácter geográfico</p>	<p>Estar atento</p> <p>Seguir normas e tarefas</p> <p>Partilhar ideias com os restantes membros do grupo turma</p>

Temáticas	Procedimentais	Atitudinais
<p>Sinistralidade rodoviária</p> <p>Impacto ambiental</p> <p>Transportes e desenvolvimento sustentável</p> <p>TIC</p>	<p>Expressão verbal geográfica</p> <p>Leitura e interpretação de textos, gráficos e dados estatísticos</p>	<p>Atenção</p> <p>Empenho</p> <p>Autonomia</p> <p>Reflexão</p>

Momentos didáticos	Recursos
<p>1º O primeiro momento da aula será dedicado à visualização e análise do vídeo promocional da campanha “Crescer com o transporte público”, parceria entre a CARRIS e METRO de Lisboa. A utilização deste recurso tem como principal objetivo lançar o mote para o tema a ser abordado ao longo da sessão, ao mesmo tempo que levanta a problemática da mobilidade sustentável, questão fundamental da aula.</p> <p>2º Posteriormente, os discentes serão esclarecidos quanto à lógica adotada para abordagem do tema em análise. Ou seja, tenciona-se que tomem consciência que todas as questões que serão analisadas terão como objetivo perceber os problemas de segurança de saúde e ambientais implicados na constante mobilidade da população.</p> <p>3º O primeiro dos problemas a ser abordado será o da segurança. Neste sentido, serão analisados um conjunto de gráficos que mostram a evolução da sinistralidade rodoviária em Portugal. Ao mesmo tempo que se quer que os alunos tomem conhecimento da forma como esta questão tem evoluído, pretende-se também que percebam quais os fatores que têm influenciado a evolução do número de acidentes e de vítimas nas estradas portuguesas. Também serão referidas as políticas que têm sido adotadas no sentido de diminuir a sinistralidade em Portugal, bem como algumas campanhas de prevenção à morte na estrada.</p> <p>4º Análise de um gráfico representativo do número de vítimas de acidentes aéreos em território europeu e com operadores aéreos da União Europeia. Quer-se que os alunos tomem consciência que os problemas de segurança não se levantam somente na mobilidade rodoviária, mas também com os outros meios e modos de transporte.</p> <p>5º Leitura e análise do documento 1 (Segurança no mar). Com a análise deste documento deseja-se abordar as fragilidades no sistema de segurança da mobilidade marítima, refletindo sobre o impacto ambiental associado a esta tipologia de mobilidade.</p> <p>6º Análise do excerto de uma notícia do jornal Público, onde é abordada a questão dos desastres ferroviários. Será dado como exemplo o desastre Moimenta-Alcafache (1985), como tendo sido um dos piores desastres ferroviários da Europa.</p> <p>7º Análise do documento 3. O objetivo, com a análise deste recurso, é refletir sobre o impacto ambiental associado ao setor dos transportes. Por forma a perceber como esta realidade se aplica a Portugal, será analisado um gráfico que mostra a evolução da emissão de GEE no período compreendido entre 1990 e 2011, relacionando essa questão com os objetivos definidos pelo Protocolo de Quioto.</p> <p>8º Por forma a perceber a questão da mobilidade sustentável, serão analisados dois vídeos que promovem a adoção de hábitos de mobilidade alternativos à mobilidade rodoviária, por forma a diminuir o impacto ambiental causado pelo setor dos transportes.</p> <p>9º O último momento da aula será dedicado à reflexão conjunta em torno do papel que as TIC desempenham nas sociedades contemporâneas, tendo por base a análise do documento 5.</p>	<p>Vídeo: Crescer com o transporte Público</p> <p><u>Gráficos:</u> Evolução do número de acidentes rodoviários com vítimas e com mortos ou feridos graves Evolução do número de vítimas mortais no transporte rodoviário Distribuição dos acidentes com vítimas, no continente, por distritos, em 2012 Vítimas de acidentes aéreos em território da UE</p> <p>Doc. 1</p> <p>Doc. 2</p> <p>Doc. 3 Gráfico: Emissões de gases com efeito de estufa</p> <p>Doc. 4 Vídeos: Mobilidade elétrica Vilamoura Mobilidade sustentável</p> <p>Doc. 5</p>

Avaliação

- Avaliação atitudinal e procedimental por observação direta

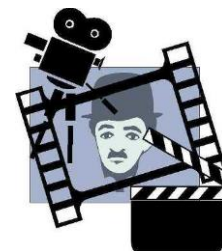
Bibliografia e outras observações

LOPES, António; CARVALHO, Marco. *Horizontes*. Porto: Porto Editora, 2008

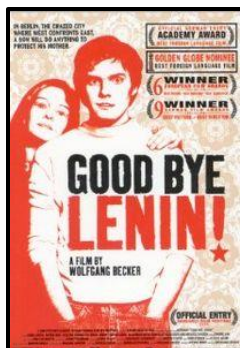
QUEIRÓS, Adelaide; LOPES, António; PINHO, Hélio. *Descobrir Portugal*. Porto: Porto Editora, 2014

Matos, António; SANTOS, Fernando; LOPES, Francisco. *GeoPortugal*. Lisboa: Edições ASA, 2014

Anexo 3 – Questionário de rentabilização do filme *Good Bye Lenin*



Nome _____ Número: _____ Turma: _____
Data: __/__/__



Título: GOOD BYE LENIN
Ano: 2003
Realização: Wolfgang Becker

1. O filme Good Bye Lenin (2003) retrata duas realidades: o mundo capitalista e o mundo comunista. Quais as características que te pareceram mais evidentes em cada um desses mundos?

2. Quais os aspetos novos que o filme trouxe ao teu conhecimento sobre o capitalismo e o comunismo?

3. A visualização do filme motivou-te para conheceres mais conteúdos sobre este assunto?

4. Consideras o filme um bom recurso para o estudo da História? Porquê?

Anexo 4 – Questionário de rentabilização do documentário *Portugal, um retrato ambiental*



Nome _____ Número: _____ Turma: _____
Data: __/__/__



Título: PORTUGAL, UM RETRATO AMBIENTAL

Ano: 2004

Realização: Francisco Manso

1. O documentário *Portugal, um retrato ambiental* retrata as alterações sofridas nos últimos quarenta anos no que toca à realidade ambiental do nosso país. Quais as preocupações ambientais que te pareceram mais evidentes?

2. Quais os aspetos novos que o filme trouxe ao teu conhecimento sobre o ambiente e a política ambiental portuguesa?

3. Em que medida a visualização deste documentário te motivou mais para o estudo deste assunto?

4. Consideras o documentário/filme um bom recurso para o estudo da Geografia? Porquê?

Anexo 5 – Plano de Aula de História



2015/2016

Plano de aula
História 9º ano
 2015/2016

Domínio III Do segundo após guerra aos anos 80

Subdomínio III. A A Guerra Fria

Duração: 50 + 50 minutos

Turmas: 9º1 e 9º2

Data: 23 de maio de 2016

Sumário: Visualização do filme "Good Bye Lenin" (2003), de Wolfgang Becker.

Metas Curriculares		Estratégias de Aprendizagem	Avaliação
Conteúdos/Conceitos	Objetivos Gerais/Descritores		
Cinema e história	Distinguir os modelos políticos e económicos dos EUA e da URSS.	<p>O primeiro momento da aula será dedicado à apresentação do filme <i>Good bye Lenin</i> (2003), de Wolfgang Becker, que será visualizado ao longo das sessões que se seguem. Pretende-se fornecer algumas informações sobre o realizador, bem como esclarecer os alunos quanto aos objetivos a atingir com esta atividade.</p> <p>Com a visualização deste filme pretende-se consolidar conteúdos anteriormente abordados, bem como perceber as alterações políticas, económicas e sociais ocorridas no período após a queda do Muro de Berlim. (5 minutos)</p> <p>Visualização do filme <i>Good Bye Lenin</i> (2003), de Wolfgang Becker. (45 minutos)</p>	
Guerra Fria Comunismo Capitalismo Queda do Muro de Berlim		<p>Continuação da visualização do filme.</p> <p>Entrega da ficha de visionamento do filme. Será solicitado aos alunos o preenchimento de uma pequena ficha de visionamento que tem por objetivo o registo dos conteúdos já abordados, bem como de conteúdos desconhecidos até então. Pretende-se também que os alunos reflitam sobre o papel do cinema na história, por forma a avaliar o filme enquanto recurso didático.</p>	<p>-----</p> <p>Avaliação tendo por base a ficha de análise do filme.</p>

Anexo 6 – Plano de Aula de Geografia



2015/2016

Plano de aula
Geografia 11º ano
2015/2016

Escola Secundária João Gonçalves Zarco

Ano: 11º

Turma:A

Data: 23 de maio

Duração: 100 minutos

Sumário:

- Visualização do documentário *Portugal, um retrato ambiental (2004)*.
- As prioridades da política do ambiente na UE.

Intenções específicas

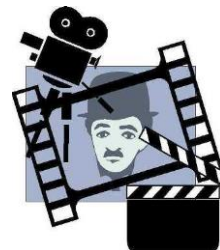
Saber	Saber - fazer	Saber – ser
Discutir as realizações mais importantes, em Portugal, no domínio da Política do Ambiente; Reconhecer a importância que a Política do Ambiente tem vindo a assumir na União Europeia;	Saber expressar-se geograficamente Saber ler e interpretar informação de carácter geográfico	Estar atento Seguir normas e tarefas Partilhar ideias com os restantes membros do grupo turma

Temáticas	Procedimentais	Atitudinais
Política Ambiental em Portugal Prioridades da política do ambiente na UE: Alterações climáticas Natureza e biodiversidade	Expressão verbal geográfica Leitura e interpretação de textos, gráficos e dados estatísticos	Atenção Empenho Autonomia Reflexão

Momentos didáticos	Recursos
<p>1º O primeiro momento da aula será dedicado à apresentação dos conteúdos temáticos, bem como ao esclarecimento quanto à estratégia adotada. Pretende-se também questionar os discentes quanto aos conhecimentos que possuem sobre a situação ambiental em que se encontra Portugal, por forma a aproveitar esses conhecimentos no decorrer da sessão. (5 minutos)</p> <p>2º Visualização do primeiro episódio do documentário <i>Portugal, um retrato ambiental</i> (2004), de Francisco Manso. Este documentário faz um retrato da situação ambiental portuguesa na segunda metade do século XX, chamando a atenção para as situações mais agravantes num país em grande mudança. O objetivo, com a visualização deste documentário, passa por esclarecer os alunos quanto à situação ambiental que marcou Portugal na segunda metade do século passado, por forma a contextualizar as opções tomadas no campo da política ambiental. (50 minutos)</p> <p>3º Após a visualização do documentário, serão lançadas quatro questões à turma que pretendem, por um lado, servir de momento de reflexão sobre as questões levantadas pelo documentário, e por outro, avaliar o papel dos recursos audiovisuais enquanto instrumentos de recuperação e aquisição de conteúdos. (20 minutos)</p> <p>4º Tendo por base o documentário visualizado, o terceiro momento da aula será dedicado à abordagem, ainda que sintética, da política ambiental de Portugal, na tentativa de partir para o geral e perceber as prioridades da política ambiental da UE. (10 minutos)</p> <p>5º Análise do documento “Viver bem dentro dos limites do planeta” (DGA, 2013). Com a leitura e análise deste documento perspetiva-se perceber quais as principais preocupações comunitárias, que se traduzem em prioridades no que toca à política do ambiente. (5 minutos)</p> <p>6º Elencadas as prioridades da política do ambiente na UE, bem como os domínios definidos, será analisado um documento onde surgem patentes as preocupações comunitárias relativamente às alterações climáticas e aponta as opções tomadas pela UE. Por forma a complementar esta questão, será analisado um gráfico representativo das emissões de gases com efeito de estufa (alterações 2010-2011). (5 minutos)</p> <p>7º. De modo a perceber as medidas tomadas a nível comunitário, no que diz respeito ao domínio natureza e biodiversidade, será analisado o papel da Rede Natura 2000, bem como os objetivos deste instrumento, na tentativa de garantir a segurança da biodiversidade no território comunitário. Por forma a perceber essa realidade em Portugal, será pedido aos alunos que analisem um mapa que ilustra os sítios naturais e ZPE da Rede Natura 2000, em Portugal Continental. (5 minutos)</p>	<p>Documentário RTP: Portugal, um retrato ambiental (2004), Francisco Manso</p> <p>Viver dentro dos limites do Planeta Adaptado de: Enterprise Europe Network, 2013</p> <p>Alterações climáticas – o que fazer? Adaptado de: Estratégia sobre as alterações climáticas até 2020, UE, 2013</p> <p>Gráfico: Emissões de gases com efeito de estufa (alterações 2010-2011) Agência Europeia do Ambiente, 2013</p> <p>Mapa: Sítios nacionais e ZPE da Rede Natura 2000, em Portugal Continental Site oficial Rede Natura 2000, 2013</p>
Avaliação	
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação atitudinal e procedimental por observação direta 	

Anexo 7 – Guião para a elaboração de cartazes

“O filme da minha vida”



Em grupos de quatro elementos devem selecionar um dos filmes abaixo listados, visando a sua posterior visualização, em grupo ou individualmente. Feito isto, a tarefa seguinte consiste na construção de um cartaz (em grupo), que tem por finalidade a publicitação do filme selecionado e da mensagem do mesmo.

O cartaz deve conter os seguintes elementos:

- Título do filme;
- Realizador;
- Ano do lançamento;
- *Slogan* promocional;*
- 2 frases selecionadas pelo grupo;*
- Imagem ilustrativa do filme visualizado.
-

*A construção de um *slogan*, bem como a seleção das frases mais marcantes do filme fica ao critério de cada grupo, sendo que o objetivo dessa tarefa consiste na promoção do conteúdo do mesmo, visando a posterior visualização por quem ainda não o tiver feito.

Todos os elementos anteriormente referidos devem constar obrigatoriamente do cartaz, havendo a possibilidade de introdução de informação adicional, sem que isso comprometa a visibilidade do conteúdo.

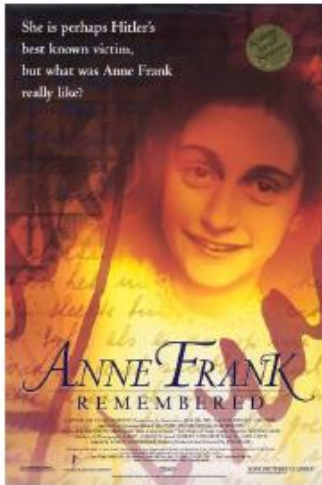
Importante

- Data de entrega. Todos os grupos deverão selecionar um representante que se deverá responsabilizar por enviar o trabalho em formato digital (Word) até ao **dia 16 de maio**, para o endereço eletrónica indicado no final da página.
- Os cartazes serão expostos a toda a comunidade estudantil, pelo que é necessário um cuidado especial com a correção ortográfica na construção dos mesmos.
- Os grupos deveram chegar a um consenso para que todos os filmes listados sejam trabalhados, sem que haja repetição dos mesmos.
- Formato do trabalho: Digital (**word**).
- O grupo deverá mostrar **originalidade** na construção do cartaz, ou não fosse ele sobre “o filme da vossa vida”.

*Os filmes que se seguem estão disponíveis para requisição na biblioteca da escola.

Título do filme	Direção	Código de requisição
<i>Capitães de Abril</i>	Maria de Medeiros	030 A
<i>Hotel Ruanda</i>	Terry George	101
<i>O laço branco</i>	Michael Haneke	113
<i>A lista de Schindler</i>	Steven Spielberg	122
<i>Mandela, meu prisioneiro meu amigo</i>	Bille August	127
<i>Vera Drake</i>	Mike Leigh	198
<i>Balas sobre a Broadway</i>	Woody Allen	020
<i>Cinema Paraíso</i>	Giuseppe Tornatore	041
<i>Anne Frank</i>	Jon Blair	014
<i>Fida</i>	Julie Taymor	090
<i>Um adeus português</i>	João Botelho	006
<i>A vida é bela</i>	Roberto Benigni	199 A
<i>O leitor</i>	Stephen Daldry	120
<i>Maio 68. 40 anos depois</i>	William Klein	278
<i>Maio 68. 40 anos depois</i>	William Klein	279
<i>Maio 68. 40 anos depois</i>	William Klein	280
<i>O resgate do soldado Ryan</i>	Steven Spielberg	167
<i>Nascido a 4 de julho</i>	Oliver Stone	135
<i>O pianista</i>	Roman Polanski	150
<i>A Queda</i>	Oliver Hirschbiegel	160
<i>A Rainha</i>	Stephen Frears	162
<i>Terra da abundância</i>	Wim Wenders	189
<i>O rapaz de pijama às riscas</i>	Mark Herman	163 A
<i>Cinderella Man</i>	Ron Howard	040
<i>O caçador</i>	Michael Cimino	029
<i>Expição</i>	Joe Wright	080

Anexo 8 – Cartazes elaborados pelas turmas 9ºA, 9ºB e 9ºC para o evento
“Cenas da Zarco”



A Lembrança de Anne Frank

Realizador: Jon Blair

Ano de Lançamento: 1995

Vem conhecer a rapariga que quase sobreviveu à II Guerra Mundial

"God knows everything but Anna knows everything better."

"What's the point of the war? Why, oh, why can't people live together peacefully? Why all this destruction? (...) Oh, why are people so crazy?"

As sufragistas

Realizador: Sarah Gavron

Principais atores: Meryl Streep, Geoff Bell, Carey Mulligan

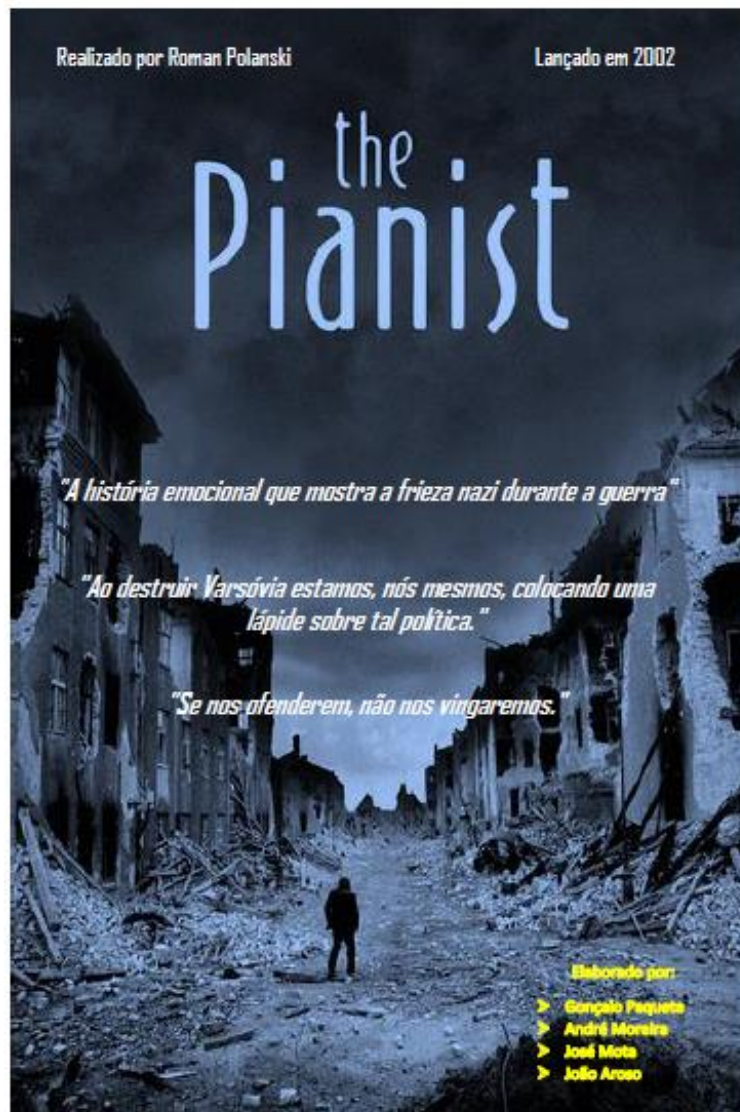
Ano de lançamento: 2015

"Queres que eu respeite a lei? Torna a lei respeitável!"

"Se é correto os homens lutarem pela liberdade deles, então também é as mulheres lutarem pela delas!"

Não desistas, luta pela vitória!





Cinema Paraíso

"A Vida não é um sonho"

Realizador - Giuseppe Tornatore

Ano de Lançamento- 1988

"Escolho os meus amigos pela aparência, os meus inimigos pela inteligência"

"O cinema é só um sonho."

Realizado por: André Lamelas n83; António Filipe n84; Kilian Grimm n810; Tomás Almeida n820

Cinderella Man



Realizador: Ron Howard

Data de lançamento: 3 de junho de 2005

Elenco: Russell Crowe (Jim Braddock, a personagem principal) e Renée Zellweger (Mae Braddock)



"Eu gosto de acreditar que quando as coisas estão mal, nós podemos mudá-las." **Jim Braddock**

"Às vezes as pessoas precisam de ver alguém a fazê-lo, para o fazerem sozinhas." **Padre Charles Rorick**



Um combate pela mudança!

EXPIAÇÃO

REALIZADOR: Joe Wright

ANO DE LANÇAMENTO: 2008

O amor consegue ultrapassar todos os obstáculos, até a guerra!

“Eu vou voltar, encontrar-te, amar-te, casar contigo e viver sem vergonha.”

“É sobre uma jovem rapariga, uma jovem e egoísta rapariga, que vê algo pela janela do seu quarto que não entende, mas ela pensa que sim.”



CAMILA LOURENÇO N25; CAROLINA LOPES N27; CLARA CARDOSO N28 E INÊS SANTOS N23 |

O Aviador

Vais deixar os teus sonhos voar?



Filme realizado por:
Martin Scorsese.

Lançado em 2004.

Com a participação de
Leonardo DiCaprio,
Cate Blanchett e Kate
Beckinsale.

“Imagine your life without limits”

“Sometimes I truly fear that I am losing my mind. And if I did, it would be like flying blind.”





Maio 68.
40 anos depois

Não é o homem, mas sim o mundo que se tornou anormal

Paris em inquietação



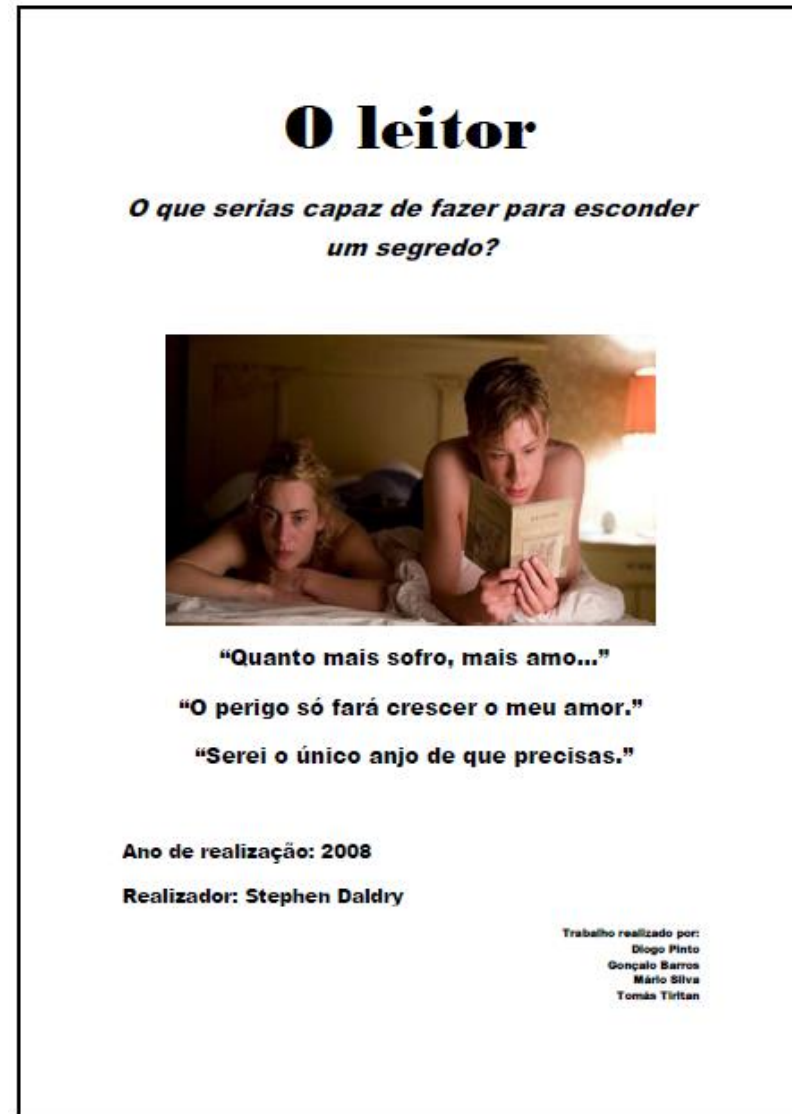
Sejamos realistas, exijamos o impossível

Realizador: William Klein; Marim Kramitz; Romain
Ano de Lançamento: 2008

Trabalho Realizado por:

- > João Maria Barbosa
- > Luís Alves
- > Magda Granja
- > Teresa Diaz

Alunos turma





“-Não te deixam sair?

-Não.

-Porquê? O que é que fizeste?”

O menino do pijama às riscas

De mark herman (2008)

“Temos que procurar fazer o melhor numa má situação”



SE O MURO QUE ME IMPEDE DE AVANÇAR É O NAZISMO, AVANÇO SEM EXTREMISMO.



David Ribeiro nº9, Maria Tinoco nº26, Mariana nº27, Rita Cunha nº28

O Resgate do Soldado Ryan

Lembra-te... tu estás aqui, porque outros morreram por ti

Na sequência do desembarque na Normandia, um grupo de soldados norte-americanos persegue as linhas inimigas para recuperar um pára-quedista, Ryan, cujos irmãos foram mortos em combate.

Realizado por Steven Spielberg
Lançado a 24 Julho de 1998



"Quanto mais homens mato, mais longe me sinto de casa"

"Um dia podemos lembrar isto e chegar à conclusão que salvar o soldado Ryan foi a única coisa decente que fizemos em toda esta confusão"

Joana Cardoso n.º9, Sérgio Estêvão n.º23, Sofia Cardoso n.º24, Tiago Freire n.º26,



THE QUEEN

HELEN MIRREN
A FILM BY STEPHEN FREARS

QUEEN

Os líderes do país precisam de tomar medidas que os reproximem do povo.

"É desta maneira que fazemos as coisas, com calma e dignidade. É por isso que o resto do mundo nos admira."

"Esta mulher deu toda a sua vida para servir o seu povo, cinquenta anos a fazer aquilo que ela nunca quis! Um trabalho que a fez ver a morte do seu pai."

Um Adeus Português

Realizador: João Botelho



“Morrer em África... e depois para nada”

Data de lançamento: 17 de Abril de 1986

Em África, durante a guerra colonial, ocorre a morte de um soldado e doze anos depois desta perda na Guerra Colonial Portuguesa, um casal de idosos viaja até Lisboa para começar uma nova vida e reencontrar sua antiga nora, apesar das memórias dolorosas do passado.